JAYME R. PEREIRA

AMAZONIA



JAYME R. PEREIRA

AMAZONIA

(IMPRESSÕES DE VIAGEM)

Ilustrações de
G. Lorensini

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A
1940

Á Adelaide, minha mulher,

é este livro dedicado

J. R. P.

Amazonia

A "voz que chama"
Inferno verde ou paraiso verde
A paisagem amazonica



A paisagem amazonica

A "voz que chama"

DEPOIS de uma ausencia de quasi 20 anos, voltei ao Amazonas, aproveitando para isso uma licença premio que dez anos de serviço publico ininterrupto me permitiram.

Voltar ao Amazonas, onde nasci, mas cuja terra, povo e costumes ainda não conhecia, fôra sempre meu desejo. Uma atração permanente me jungia a esse pedaço do Brasil, tão decantado por uns e tão malsinado por outros.

Resguardado a leste pelas aguas verdes do Atlantico e a oeste pelo massiço dos Andes, o imenso bloco amazonico tem exercido sobre o resto do mundo uma tentação irresistivel, arrastando para seu seio uberrimo gentes de todas as castas e de todas as raças. Curiosos, diletantes, cientistas, parias, cubiçosos, malfeitores, artistas, filantropos, magnatas, todos se sentem atraídos pela pujança de suas florestas, a beleza de sua flora, a fertilidade de

seu solo, a grandiosidade de sua rede potamica. Principalmente pelo misterio de suas lendas. E para lá se dirigem fascinados por suas promessas, como si atendessem a alguma voz que lá do alto das Ibiturunas conclamasse o mundo inteiro para o gozo direto das riquezas inexauriveis que as lendas atribuem á grande planicie amazonica. Seria essa, talvez, a mesma "voz que chama" de que nos fala Plinio Salgado em seu maravilhoso e comovente romance-poema "A voz do Oeste". Aquela mesma voz com que falaram os quichúas e os incas, aquele mesmo sopro com que sopraram as inubias guerreiras nossos antepassados das tribús tupís.

Arrastado assim por essa força que perenemente emana da terra amazonica, vi-me um dia, tambem, em demanda do Eldorado, no extremo setentrional brasileiro, disposto a, dessa vez, sentir de perto a força viva da terra, com suas asperezas e seus encantos, com seus perigos e seus deleites. Vendo, ouvindo, sentindo, iam dentro de mim nessa excursão o turista curioso e o brasileiro patriota.

Este ligeiro escorço será então um apanhado de impressões rapidas que pude aprender em meu contacto com uma pequena parcéla daquele todo imenso e magestoso que é a Amazonia, em cujo recesso vive e se agita uma natureza diferente, fascinadora por sua opulencia, aterrorisante por seus perigos, admiravel por suas belezas, curiosa por seus contrastes. E sobretudo misteriosa. Eternamente cheia de historias fantasticas de curupiras e iáras, de juruparís, de matintaperêras e de mãis dagua. Interpretada e divulgada atravéz de uma infinidade de lendas, cada qual a mais atrativa, original e interessante.

Quem quizer conhecer a Amazonia, não deve fazer como os turistas que para lá se dirigem a bordo dos transatlanticos luxuosos. Estes, navegando pelo meio do rio, parando apenas nas cidades mais adiantadas, não permitem uma observação mais direta da vida que se desenrola em terra, principalmente nas margens dos igarapés, dos paranás e dos lagos, lugares mais procurados pelas populações dessa zona setentrional.

* * *

Inferno verde ou paraiso verde

A Amazonia tem sido para uns a terra da promissão, enquanto que para outros se tem revelado como um "inferno verde" pleno de maldições e desgraças. De fato. Si se considera a natureza tão sómente, com a exuberancia de sua flora inegualavel e a riqueza de sua fauna, a Amazonia se nos apresenta como um paraiso pela beleza e pela fartura de seus especimens botanicos e zoologicos, pela fecundidade de seu solo, por sua topografia caprichosa. Podemos mesmo incorporar á natureza amazonica o homem autoctone que até hoje vive afastado da civilização, como que a se defender dos males que a esta sempre acompanham e de cujos efeitos ele por certo já teve noticias.

Si se considera, porém, a Amazonia atravéz da vida humana nas cidadélas e povoados e nos seringais sobretudo, então o quadro é bem diferente. Entram agora em cêna o vicio e a ambição, a maldade e o crime, as doenças, os mil tropeços e obstaculos que a natureza

opõe á civilisação, atravéz a ferocidade de seus insétos terriveis, de suas serpentes venenosas, de suas aves daninhas, de seus jacarés esfaimados, das onças pintadas e das sussuaranas traiçoeiras. E os espinhos venenosos, os frutos venenosos, as folhas e as flores venenosas?

E as flexas venenosas?

Esta Amazonia é então o inferno verde de que nos falam os autores quando a ela se referem.

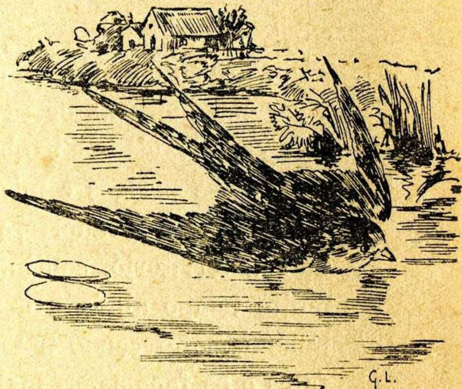
Paraiso ou inferno, conforme o ponto de vista em que o autor se coloca, a Amazonia pela complexidade e exuberancia de sua natureza, pelos perigos e misterios de que a cercam seus desbravadores, pela vastidão imensa de seu territorio, continúa e continuará por muito tempo ainda a desafiar a curiosidade humana, oferecendo a nossa consideração os fatos e os fenomenos mais bizarros e interessantes. Eis porque é sempre com um mixto de respeito e de receio que penetramos os humbrais desse grande templo pagão, verdadeiro cadinho em que se amalgamam e se fundem civilizações as mais dispares por seus

habitos, suas crenças, suas tradições e seus designios.

* * *

A paisagem amazonica

A paisagem amazonica tal qual se mostra aos olhos do observador comodista repimpado nas espreguiçadeiras ou debruçado nos tombadilhos dos transatlanticos é desinteressante e monotona, porque é uniforme, sem contrastes. Apenas afetam a sensibilidade desse viajante a massa consideravel das aguas, a floresta compacta beirando o rio e a miseria das populações locais. Ao saltar em Belém ou Manáus, vai ele aos museus espiar algumas especies da fauna e arcos, flexas e bugigangas dos indigenas. Experi-



...á margem dos paranás...

menta algumas frutas da terra e volta satisfeito por ter realizado seu grande desejo de visitar a tão falada terra amazonica. Mal sabe esse turista, porém, que da Amazonia ele viu sómente o menos extraordinario. A Amazonia de que nos falam os autores, surpreende e encantadora, vive nos igapós e nos lagos, á margem dos paranás e ao longo dos igarapés. Onde não passam os transatlanticos, onde não se fala o francez ou se mastiga a chicléte. Onde o homem se sente pequenino e impotente e se acovarda e esmorece.

E se lembra de Deus.

Aí está a Amazonia. Misteriosa e lendaria, perigosa e convidativa, com suas armadilhas e suas tentações, a nos recordar os versos imortais de Bilac:

ABYSSUS

Bela e traidora. Beijas e assassinas,
Quem te vê não tem forças que te oponha.
Ama-te e dorme no teu seio e sonha.
E quando acorda, acorda feito em ruinas.

E seduzes e convidas e fascinas
Como o abismo que, perfido, a medonha
Fauce apresenta flórida e risonha,
Tapetada de rosas e boninas.

O viajor, vendo as flores, fatigado
Foge ao sol e deixando a estrada poenta,
Avança incauto. Subito, esbroado

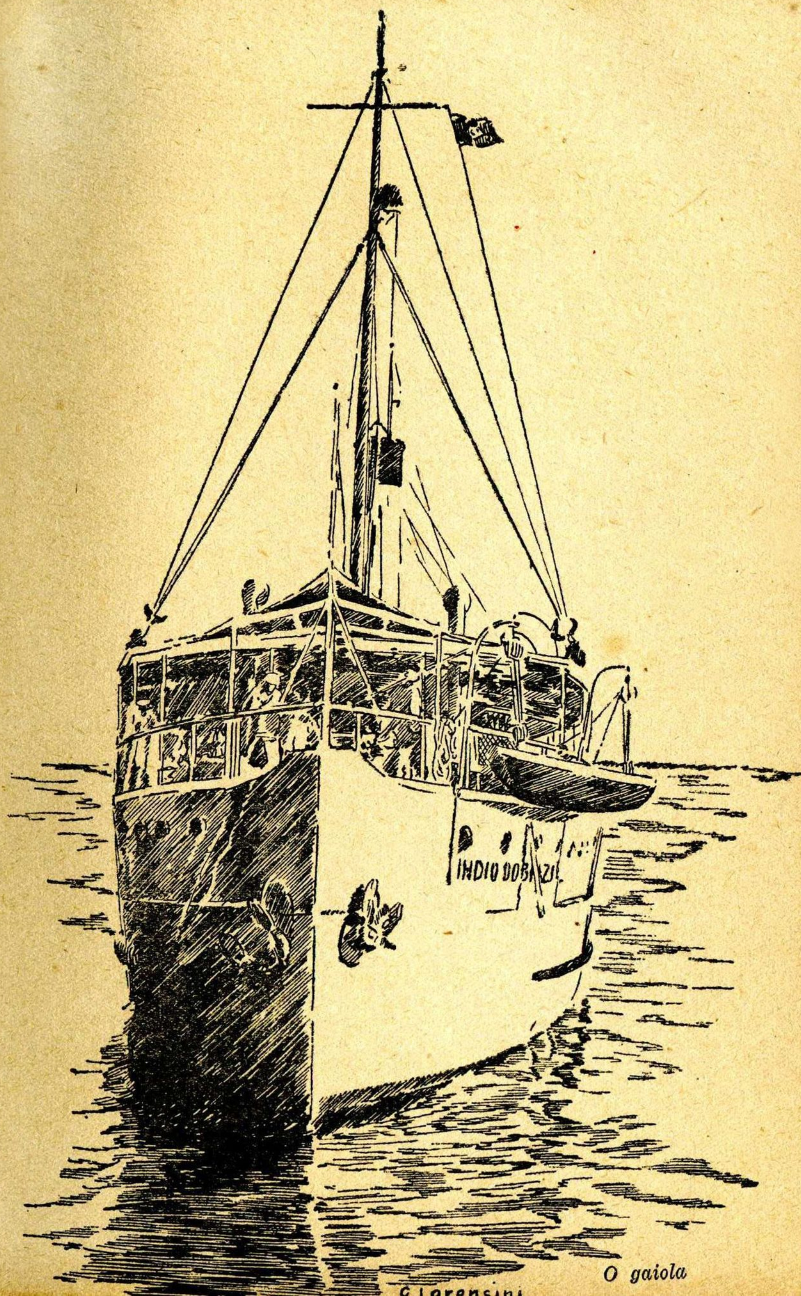
Falta-lhe o solo aos pés. Recua e corre,
Vacila e grita, luta e se ensanguenta
E rola e tomba e se espedaça e morre.

Nas aguas do Rio-Mar

De Belém a Manáus

O gaiola

Marapatá, a Ilha da Vergonha



O gaiola

De Belém a Manáus

ABANDONANDO o transatlantico em Belém, penetrei o Rio-Mar a bordo de um gaiola. Pequenino mas confortavel, o "Indio do Brasil" deixou a bela capital paraense internando-se rio acima, em demanda do Amazonas. Ás 21 horas em ponto, conforme tinha sido anunciado, afastou-se ele dos cáis e, rumando para o este, mergulhou nas trevas da noite carregado de esperanças e de saudades. Esperanças para os que subiam o rio pela primeira vez, fascinados e atraídos pelo verde de suas promessas e pelo luxo de sua fartura. Saudades para os que um dia lá se prenderam e agora mais uma vez se afastavam do conforto dos grandes centros, dos prazeres das grandes cidades.

Nesse dia da partida, a baía de Marajó estava calma. Sulcando, garboso, a superficie lisa das aguas, o "Indio do Brasil" como que

riscava com sua quilha de aço o espelho prateado do rio, batido naquela hora pela luz acariciadora de um luar de namorados· Em torno, ao longe, a moldura escura da floresta debruçada sobre as aguas. Poucas horas depois, uma porção de ilhas e de bocas apertadas apareciam em nossa frente. Por qual destas seguir? Só o piloto sabia. E, logo após, uma delas atravessamos, quasi roçando os galhos das margens, apitando nas curvas estreitas por onde sómente uma embarcação poderia passar. Estavamos nos Estreitos de Bréves. Oitenta milhas de extensão, alargadas de vez em quando por sete grandes baías.

* * *

O gaiola

A viagem do "Indio do Brasil" decorreu como todas as viagens dos gaiolas que ha muitos anos servem ao transporte e ás comunicações no Rio-Mar e seus afluentes.

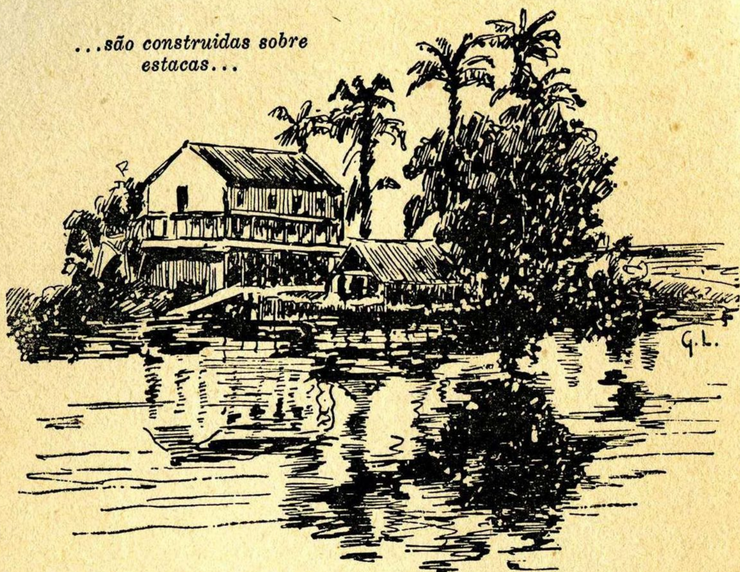
O gaiola tem sido um dos fatores preponderantes na vida da Amazonia. Ha gaiolas

de diversos tamanhos e capacidades, desde os pequeninos do porte de uma lancha, até os chamados "vaticanos" da Amazon River. Todos, porém, se parecem. Abertos, amplamente arejados, trançados de redes, os gaiolas são bem o tipo da embarcação mais conveniente á navegação do Amazonas e seus rios tributarios.

Na subida dos rios vão as embarcações bem rente ás margens, aproveitando o remanso das bordas. Na descida, quasi que se deixam levar tão sómente pela correnteza das aguas, conservando-se no meio dos rios.

Uma grande parte da viagem se faz, entretanto, atravéz dos paranás que são trechos do rio compreendidos entre uma de suas margens e as ilhas que por alí são abundantes e compridissimas. O caboclo prefere viver justamente nos paranás, onde ha menos correnteza e as canoas pódem assim correr mais facilmente.

No tempo das cheias, quando as aguas invadem as terras baixas das ilhas e do continente, muitos lagos ficam ligados aos rios e os gaiolas passam livremente destes para aqueles



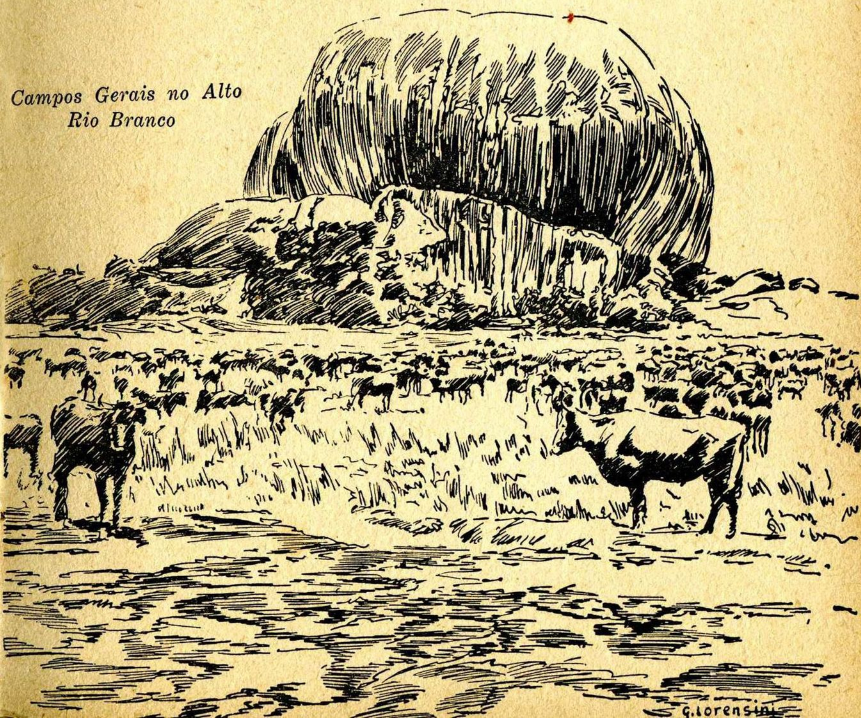
...são construidas sobre estacas...

e vice-versa. Foi o que aconteceu uma vez em minha viagem. Seguindo um paraná estreito, ví-me de repente em uma baía. Era o lago Acarauarí.

Quem passa pelo Amazonas no tempo da cheia, desconhece completamente a maioria dos pequeninos portos em que passou, sí por aí volta no tempo da sêca. Na baixa, as casas ficam á distancia, tão para dentro que o local

apresenta aos viajantes uma topografia inteiramente diversa. Muitas vezes as aguas alcançam as proprias casas, razão porque estas são construidas sobre estacas. Ora mais perto, ora mais afastadas, conforme o nivel das aguas, dão-nos a impressão de que são elas mesmas que se movimentam sobre as pernas de páu em que se apoiam.

Não são apenas as casas de residencia que se constróem sobre estacas. Ao lado das casas, veem-se tambem pequenos currais igualmente construidos sobre estacas de madeira e onde se recolhem as poucas cabeças de gado durante os dias de enchente.



Campos Gerais no Alto Rio Branco

A não ser nos grandes centros de criação, como sejam os "campos gerais" do alto Rio Branco, no Amazonas e da ilha de Marajó, no Pará, raramente se encontram gado e cavalos pelas margens dos rios. O peixe abundante e facil substitue a carne de vaca e a canoa é o cavalo da Amazonia. Sentados na proa ou na popa de suas montarias, puxando as aguas com seus jacumãs de itaúba, viajam os caboclos dias seguidos parando aqui e alí para um repouso ou uma dormida. E' frequente o reboque de canoas pelos gaiolas e pelas lanchas que trafegam na Amazonia, principalmente na subida dos rios.

Entrando aqui num "furo", atravessando adiante um paraná estreito, uma baía larga, penetrando num lago ou subindo o trecho principal do rio, os gaiolas vão deixando ou recebendo cargas e passageiros. Sua rota é previamente traçada, porém, seus pontos de parada são resolvidos no momento, de acordo com as necessidades. Param para deixar ou receber um passageiro apenas, tal qual os bondes nas grandes cidades. Dão a impressão de que nunca têm pressa de chegar ao ponto final de

seu destino. Durante o dia, um simples aceno da margem, basta para deter o gaiola permitindo assim o embarque de algum passageiro. Á noite o sinal é dado com um tiro de rifle. Todo mundo por lá tem um rifle com que abate as féras bravias e com que, tambem, se liquidam as questões pessoais...

Rumando de Belém para Manáus, seguimos o roteiro de nossos antepassads, os brasileiros e portuguezes que, primeiros, se aventuraram por aquelas estradas liquidas da Amazonia. Lá estão os marcos plantados a sua passagem, expressos nas cidadesinhas que a cada passo se encontram pelo caminho. Monte Alegre, Santarém, Alémquer, Obidos, Faro, todos os nomes de cidades e vilas portuguezas, são atestados perenes da bravura lusitana, posta mais uma vez á prova nas entradas do hinterlande amazonico. Parintins, Urucará, Itapiranga, Itacoatiara e outras mais, tiradas das tribus que por aí viveram bem como dos acidentes e condições topograficos locais, formam com aquelas outras cidades de nomes portuguezes um rosario longuissimo, construi-

do atravéz os seculos, por elementos nacionais e portuguezes ao longo da esteira formidavel do Amazonas.

Brasileiros, sirios, portuguezes, bolivianos, peruanos, judeus e cristãos, brancos e caboclos, pretos e mestiços, de tudo havia a bordo do "Indio do Brasil". Uns fazendo a viagem toda, outros descendo logo adiante do ponto em que embarcavam. Caras de todos os feitios. Dois sentenciados por crime de morte. Velhos, adultos e crianças. Primeira e terceira classe. Não havia segunda. Á meza, disse-me certa vez o comandante Fabio, com muita graça:

— Aqui nesta sala ha passageiros de primeira classe e passageiros que viajam em primeira classe. São duas classes distintas...

Com minha senhora, seguia viagem para Manáus onde chegamos depois de onze dias, atracando finalmente na bela capital amazonense, um dos mais interessantes portos que tenho visto em toda minha peregrinação pelo novo e velho mundos.

* * *

Marapatá, a ilha da vergonha

Uma hora antes de se alcançar Manáus, passamos pela ilha Marapatá, pequenino pedaço de terra coberto de mata densa, onde, segundo é corrente no Amazonas, os que para esse Estado se dirigem afim de aí tentarem a vida, deixam o fardo pesado da vergonha, podendo então, sem constrangimentos, praticar toda a sorte de traficancias. Disse-me porém, um amazonense que nessa ilha jamais se encontrou a vergonha de quem quer que fosse: os que no Amazonas se mostraram sem esta virtude, é porque já não a tinham quando para lá se dirigiram...

Um dos ultimos interventores que passaram pelo Amazonas, ao terminar seu governo, disse, num discurso, afim de resaltar sua atuação honrosa, que o navio que o trouxerá ao Amazonas, não tinha parado em Marapatá...

Marapatá é apenas uma das 6.000 ilhas que repontam a cada passo ao longo da caudal imensa do Amazonas. Baixa e pequenina,

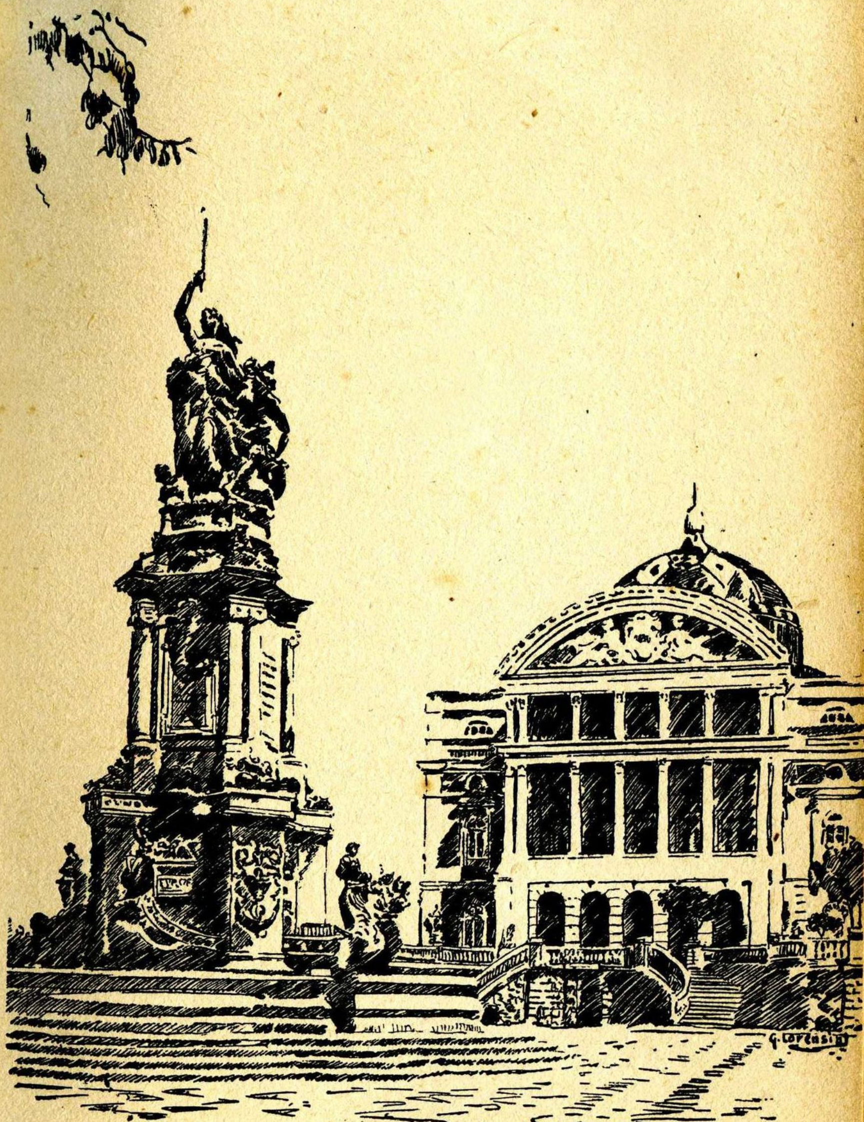
com apenas um quilometro de comprimento, ela é invadida pelas aguas, na enchente, apresentando contudo um pouco de "terra firme" onde alguem um dia construiu uma casa, mas que logo abandonou, segundo dizem por lá, apavorado com os genios do mal, habitantes exclusivos da ilha malsinada.

Si em Marapatá costumam deixar a consciencia, por lá deve viver tambem o remorso, pois como separar este daquela? Talvez sejam os espectros do remorso, os genios maus dessa ilha...



A
cidade-surpresa

Manáus
Arredores de Manáus
Aguas pretas e aguas claras



Teatro Amazonas, na Praça S. Sebastião

Manáus

MANÁUS é bem a "cidade surpreza". E' um ponto de civilização em meio á jungle incivilizada.

Depois de doze ou mais dias de viagem nos pequenos gaiolas, seis a oito nos grandes e quatro ou cinco nos transatlanticos, durante os quais o turista se farta de tanta agua, de tanto mato e sobretudo de tanto atrazo nas cidades, vilas e povoações encontradas ao longo dos rios, é com satisfação e indisfarçavel surpreza que se chega e desembarca em Manáus, a capital amazonense.

Manáus é sem favor uma das mais belas cidades brasileiras. Em permanente contacto com os paizes europeus, de onde recebe ao mesmo tempo que as demais metropoles sulistas, todas as novidades originarias dos centros industriais e comerciais do velho mundo, Manáus oferece aos que lá habitam ou aportam todo o conforto proprio das grandes cidades.

Ruas largas e bem traçadas; praças arborizadas e ajardinadas; otima iluminação eletrica com lampadas de arco voltaico; bondes eletricos confortaveis; belas casas de residencia; predios publicos magestosos; um teatro que a todos surpreende por sua imponencia e beleza (construção de Henrique Mazzolani); monumentos; cinemas; sorveterias elegantes com suas terraças sempre apinhadas de gente, tudo, tudo logo denota aos que por lá passam uma situação de conforto e progresso a que não chegaram ainda muitas outras capitais brasileiras.

O porto de Manáus é flutuante. Sobre uma serie enorme de tambores de aço flutuantes assenta-se uma plataforma, parte de cimento armado e parte de madeira, plataforma essa ligada ao continente por uma ponte. Si as aguas sobem, na enchente, a plataforma sobe com elas, ficando até o mesmo nivel da terra; si as aguas baixam, na vasante, a plataforma desce e a ponte parece um plano inclinado. No local de atracação dos navios ha armazens por onde desembarcam os passagei-

ros e as bagagens, enquanto que as cargas são transportadas para terra por via aerea através de cabos de aço como no caminho aereo do Pão de Assucar, no Rio de Janeiro. Neste porto atracam todos os navios que chegam á capital de Manáus, mesmo os grandes transatlanticos das companhias inglezas e alemãs aí encostam com toda a facilidade.

A crise da borracha atrazou consideravelmente o desenvolvimento da capital amazonense. O que Manáus apresenta hoje é quasi o que já existia ha vinte e tantos anos atraz, com exceção de uma ou duas dezenas de predios publicos, entre os quais o da Saúde Publica. De forma que Manáus de hoje é ainda o que nos deixaram aqueles governos passados que desfrutaram a epoca da borracha valorizada. Borracha de 17 mil reis o quilo e sem a concorrencias das Indias. No tempo em que se acendia charuto com cedulas de quinhentos mil reís...

Si tais governos esbanjaram, por um lado, os dinheiros arrecadados, deixaram, por outro, o que Manáus possue ainda hoje de melhor. Para dar um idéa da facilidade com que se

gastava ao tempo das "vacas gordas", basta dizer que um do governos dessa epoca gastou para mais de mil contos na construção de um predio que foi abandonado logo que os alicerces afloraram á superficie do terreno. O governo seguinte não concordando com a planta escolhida, resolveu demolir o que estava feito e na demolição gastou mais que o antecessor. E até hoje, cerca de 30 anos depois, ainda são vistos em Manáus os alicerces outra vez abandonados. Em todo caso, deixaram esses mesmos governos outros edificios e alguns monumentos, pontes magnificas e outras coisas mais que embelezariam qualquer das cidades mais adiantadas do Brasil, inclusive Rio e S. Paulo.

Com exceção da praça São Sebastião pavimentada em parte com blocos de madeira e em parte com pedrinhas brancas e pretas, formando desenhos caprichosos, as demais ruas e praças são calçadas com paralelepipedos. Tentativas foram feitas com asfalto, mas o calor do verão não permitiu. Os dois não se combinam...

O Amazonas é pobre em pedreiras. A não ser as pedras meúdas das cachoeiras e a pedra chamada "jacaré", muito fragil e avermelhada por conter grande quantidade de oxido de ferro, outras quasi não existem por lá e é com grande dificuldade que se pódem obter tais elementos necessarios sobretudo á pavimentação da cidade. Por isso — não se espantem os leitores — Manáus foi calçada com paralelepipedos importados de Portugal. Até parece mentira... De Portugal! Sairam esses paralelepipedos ao preço de 1.500 réis por unidade. E ainda foi um alto negocio, porque os importados do Ceará custaram 6.000 réis cada um!

Coisas da Amazonia...

* * *

Arredores de Manáus

Encravada na mata e cortada de igarapés, Manáus não poderia deixar de apresentar arredores pitorescos onde a vista cansada das cenas diarias e artificiais de um centro urbano

póde repousar na contemplação da natureza e aí se deleitar. Flores, Cachoeirinha, Aleixo, Tarumã, Careiro e muitos outros, são sitios admiraveis para excursões e repouso, com perspectivas encantadoras. O habitante de Manáus, no entanto, não parece muito amante desse lugares ermos. A não ser os "banhos" lugares á beira de igarapés de aguas claras e refrescantes, alguns publicos como os de Flores, outros, muitos outros particulares e para onde, aos domingos sobretudo, muita gente se dirige, os demais arredores, máu grado sua beleza, poucas vezes são procurados.

Tarumã é um dos recantos mais aprazíveis que eu tenho conhecido. Além de rusticas barracas de madeira com cobertura de palha, proprias para



Lago do Aleixo



Queda d'agua do Tarumã

recreios e pic-nics, ha por lá um igarapé de agua rasa e cristalina, sempre muito fresca, como um permanente convite para um banho delicioso. E ha ainda uma pequena cascata com um jacto de agua que se despenha de uma altura de cerca de 30 metros e que constitue a nota mais agradavel desse recanto sem par.

* * *

Aguas pretas e aguas claras

Manáus fica á margem esquerda do Rio Negro, um dos principais afluentes do Amazonas. Os viajantes que pela primeira vez se dirigem a essa capital não pódem deixar de admirar o aspecto interessante que apresentam as aguas do Rio Negro: são negras de fato. Parecem, vistas de bordo, sobretudo, um lençol de pixe e o mais curioso é o espetaculo oferecido pelo encontro dessas aguas negras com as do rio Amazonas, amareladas e barrentas. Elas não se misturam. Invadem-se reciprocamente em sinuosidades, reintrancias e saliencias, com uma linha divisoria bem ni-

tida. Tomada em pequena porção, num copo, por exemplo, a agua do Rio Negro é de uma ligeira cor de ambar, quasi clara e transparente.

O ponto de encontro das aguas varia conforme a estação do ano. No periodo da vazante, sob a influencia da maré atlantica, esse ponto se acha mais proximo da embocadura do Rio Negro. No tempo da enchente, porém, quando a corrente do Amazonas alcança 5 e 6 milhas de velocidade, já se tem visto as aguas negras banharem o porto de Itacoatiara, situado a 100 milhas distante da embocadura do Rio Negro. E por falar em maré atlantica, é interessante referir que a força deste fenomeno é de tal ordem que inverte completamente o curso do Amazonas até uma distancia consideravel da embocadura do grande rio. Referem os observadores que no estreito de Bréves, por exemplo, "o fluxo e refluxo sóbe e desce em cada seis horas". Aí a direção da corrente fluvial "vira" inteiramente. Até mesmo em Parintins, situada a 750 milhas do litoral atlantico, ainda se póde notar a influencia da maré, incapaz aí de "virar" o sentido da

corrente, mas podendo ainda fazer subir o nivel das aguas alguns centimetros.

Si a força da maré atlantica é desta forma poderosa, não lhe fica inferior em impetuosidade a força da corrente fluvial, como si o Amazonas, cioso de sua honra, sendo ele o maior rio do mundo, revidasse a invasão atlantica, penetrando, por seu turno, nas aguas do oceano e atingindo, por vezes, com suas aguas barrentas, as correntes marinhas que circulam em torno ao setentrião nacional.

Para ver o Amazonas

Ver para crer

O Amazonas em furia



Margem do Amazonas

Ver para crer

DEPOIS de uma estada de um mez em Manáus fui em companhia de alguns amigos percorrer varios logarejos do chamado "Baixo Amazonas". Fracassadas algumas tentativas para conseguir-se uma embarcação adequada ao transporte da caravana, apelei para o Sr. Bispo D. Basilio Pereira, de quem me aproximaram amigos comuns e que logo poz a minha disposição sua propria lanchinha.

Era uma pequena embarcação com motor a oleo, de um só cilindro e uma pequena cabine para alojar dois passageiros apenas, um em rede e outro num sofá de palhinha. "Boa Nova" era seu nome.

Arranjadas as cousas, tomadas as providencias necessarias, largamos numa radiante manhã de sol, rumando para a região em vista. Além do chofér, o Vicente, seguiam comigo os companheiros Ramayana Chevalier, medi-

co, professor de Medicina Legal na Faculdade de Direito; Walter Vianna, funcionario publico, como eu em goso de licença premio e Garibaldi Cruz, desenhista e pintor, inspirado artista do lapis, sempre enamorado de sua terra, o Amazonas.

Frutas, alimentos em conserva, pães, biscoutos, cigarros, uma espingarda de caça, um fogão amolado, anzóis, redes e mosquiteiros, maquina fotografica, capsulas e ampoulas de quinina, constituiam nossa bagagem. Além disso tudo e as roupas necessarias, levavamos tambem uma grande dóse de destemor e uma boa porção de paciencia. E sobretudo muito entusiasmo.

A "Boa Nova" com uma bandeirinha azul e branca a flutuar no tópe de seu pequenino mastro, atravessou garbosa o porto de Manáus e rumou para o sul.

Esperavamos alcançar no dia seguinte Autáz-Assú, onde se realisaria uma festinha de arraial, concentrando-se nesse pequeno povoado toda a população das redondezas. A noite, deviamos passar no sitio de um sirio

amigo, estabelecido á margem do Amazonas com um pequeno armazem de secos e molhados, querido por todos por sua lhaneza e admirado por possuir uma geladeira acionada a querozene. Imagine-se o que não vale uma geladeira a 40° á sombra! Talvez fosse mesmo a geladeira do Rhaman que nos tivesse resolvido a procurar abrigo em seu sitio, em nossa viagem para o rio Autáz-Assú.

* * *

O Amazonas em furia

Diz o rifão, porém, que "o homem põe e Deus dispõe"... Foi o caso que aconteceu conosco. Nossa partida de Manáus estava marcada para as 5 horas da manhã. Um imprevisto nos obrigou, porém, a sair ás 9 horas e o fato é que aí pelas 6 horas da tarde quando ainda nos achavamos bem distantes da casa do Rhaman, começou a relampejar e a trovejar. E o companheiro Ramayana vaticinou:

— Vamos ter tempestade!

De fato. Logo mais, pelas 7 horas, começou o vento a açoitar nossa lancha e pouco depois a chuva nos obrigou a entrar para a cabine. Só o Vicente ficou de fóra, no volante da direção. Sempre ouvira falar nas tempestades do rio Amazonas. Nunca pensei, todavia, que fosse o que ví. A "Boa Nova" continuava sua marcha agora afastada da margem. A noite, sem luar e sem estrelas, obscurecia todo o ambiente em volta de nós. Só os clarões dos relampagos iluminavam, de vez em quando, o caminho, permitindo ao Vicente orientar-se tanto quanto possivel. Eu arrisquei então um palpite:

— Por que não paramos aqui mesmo e nos abrigamos em terra?

Não era possivel, porém. A lancha poderia ser jogada contra a margem ou o barranco poderia desabar sobre nós. O melhor era arriscar mais um pouco, até que se encontrasse uma enseada e aí então passarmos a noite. Foi este o conselho do Vicente. E naquelas circunstancias, um conselho do Vicente equivalia a uma decisão.

Nós quatro, os que haviam embarcado com boa dose de destemor, paciencia e entusiasmo, estavamos agora temerosos, impacientes e desentusiasmados. Mais do que isso: estavamos apavorados. Parecia uma fita de cinema. Á porta da cabine, com os olhos esbugalhados, tentavamos vencer as trevas á procura de um refugio. Os clarões dos relampagos desejados para nossa orientação, causavam por outro lado uma horrivel impressão. O vento, de frente, quasi que nos embargava a marcha e só faltava arrancar a tolda da lancha. As aguas revoltas sacudiam a embarcação pondo á prova nossa coragem e nossos labirintos. Quasi que ninguem falava. Como que só viviamos com os olhos e os ouvidos. E o vento sibilava, a chuva batia e o rio se empolava.

Mais algum tempo nesta angustia terrivel e, ao lampejo de um relampago mais forte, lobrigamos na frente uma enseada e algumas casas em terra. Era para nós o "porto seguro". Como de fato o foi. Aportamos então.

O barulho do motor despertando a curiosidade dos moradores, trouxe á margem alguns

deles que logo nos ofereceram abrigo. E' este um caracteristico daquele povo: suas casas estão sempre abertas para os que a elas se chegam e lhes pedem pousada.

O Vicente amarrou a lancha e nós, sobraçando redes e mosquiteiros, desembarcamos e nos aboletamos em uma palhoça vasia. Vasia de moveis e objetos domesticos, mas cheia de carapanãs. Walter e Garibaldi não tinham levado mosquiteiros e não podendo suportar as ferroadas dos famelicos bichinhos, preferiram dormir no chão, debaixo de nossas redes, minha e do Ramayana.

Depois de contarmos e ouvirmos algumas piadas alusivas á borrasca que passara, dormimos.

Na manhã seguinte o sol resplandecia magestoso inundando de luz e poesia toda aquela amplidão de agua e clorofila. E ao pensamento me vieram então os versos do vate luzitano:

Depois de procelosa tempestade,
Noturnas sombras, sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento.

E após um café com bolachas que nos ofereceu o dono da casa e dono tambem de um pequeno armazem ao lado, voltamos á lancha e retomamos nosso curso.

A natureza amàzonica

O Eden terrestre

Um filme natural em tecnicolor

Garça morena

Novas surpresas e novas emoções

Minha terra tem palmeiras

Borracha — Ouro elastico

Planos, "coletes" e crepusculos



A Natureza Amazonica

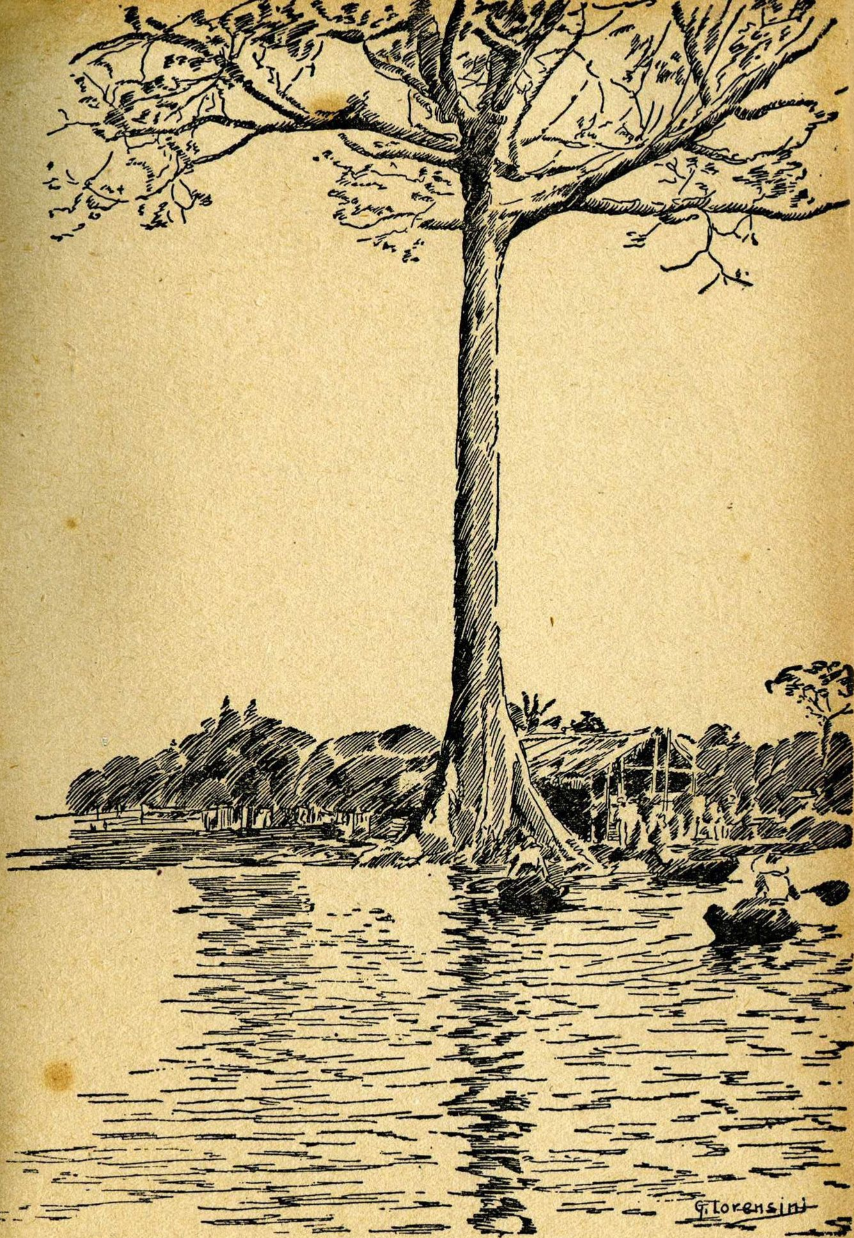
O Eden terrestre

A NATUREZA agora parecia em festa. Aquelas paisagens que observadas de bordo dos grandes navios se tornam logo monotonas por sua invariavel similitude, vistas de perto, em todos seus detalhes e contrastes, prendem irresistivelmente nossa atenção e nossa curiosidade. Aquele verde das margens sempre igual e imutavel aparece agora a nossos olhos numa gama extraordinaria de mil nuances e matizes, desde o verde claro das canaranas balouçando á superficie das aguas, até o verde escuro dos castanheiros alterosos ou dos buritizeiros carregados de frutos, a espalmarem, no alto, suas ventarolas faceiras agitadas pelos alizios fagueiros ou açoitadas de rijo pelo vendaval inclemente, nas horas de tempestade.

Naquela manhã a natureza toda como que se preparara para nos receber. As sumaumei-

ras gigantes mais se agigantaram no porte e soltaram aos ventos macios sua cabeleira frondosa. Os mulateiros, despojados de sua casca resequida, ergueram-se virís e sobranceiros. Os taxizeiros cobriram-se de flores, umas ainda cor de creme, outras já avermelhadas, todas pontilhando a floresta de cores vivas e radiosas. Os cipós, brincalhões e irriquietos, trepavam pelos troncos portentosos ou se dependuravam nos galhos como serpentinas desenroladas, vindo por vezes mergulhar no remanso das aguas ou se perder no meio dos matupás. As mungubeiras, os galhos desfolhados e pendentes de frutos vermelhos, soltavam no ar mil flocos de paina que, levados pela brisa, acabavam pousando de leve na superficie das aguas. E seguiam tranquilos a correnteza do rio.

Por todos os lados as orquideas maravilhosas, de mil especies diferentes, enfeitavam ainda mais os galhos coloridos da mataria. E, sobre as aguas paradas, esparramavam-se orgulhosas, as vitorias-regias, com suas folhas enormes e suas flores gigantes e belas a sintetizarem em sua formosura e em seu deslum-



As sumaumeiras gigantes...

bramento todo o fulgor e toda a pujança da natureza tropical.



As araras tingiam...

De vez em quando, um maguarí solitario desafiava nossa pontaria. Um tiro partia da lancha agitando a floresta. E o maguarí alçava seu vôo preguiçoso, atravessando o rio em movimentos de azas compassados e lerdos ou indo pousar mais adiante no galho seco de um mulateiro caído. Os periquitos revoavam aos bandos, soltando nos ares uma vaia chocante para os caçadores improvisados. As araras tingiam de vermelho vivo a paisagem verde da floresta e gargalhavam brejeiras. Além da vaia das aves, a vaia dos homens. E o atirador melhor se aprestava para outro tiro igualmente perdido e desconcertante. E todos procuravam um motivo qualquer que justificasse seu fracasso. A espingarda passava de mão em mão e os cartuchos se suce-

diam. Mas os maguarís e as garças continuavam voando e os papagaios e as araras não paravam de gargalhar. Tucanos de bicos enormes e coloridos, trepados no alto das arvores, provocavam igualmente nossos maus instintos e nossa pontaria e, como os maguarís e as garças, eles se viam sempre a salvo de nossos tiros. Tambem estavam tão no alto e nossa mira era tão má...



Tucanos de bicos enormes...

A "Boa Nova" espoucando, afugentava a passarada e cortava ligeira as aguas do Rio-Mar. Bandos de ciganas e de anús, amendrontados, mudavam de pouso passando de galho em galho tangidos pelo barulho do motor.



Um dos xerimbabos mais comuns na Amazonia.

* * *

Um filme natural em tecnicolor

As cenas se sucedem nas margens. Aqui, uma tapéra abandonada, coberta de trepadeiras em flor; alí um grupo de palhoças, os xerimbabos em volta, pulando ou trepando, cacarejando, grunhindo ou mugindo. O gavião lá do alto, certamente com más intenções, acompanha os movimentos despreocupados dos pintainhos. Os curumins, nús e barrigudinhos, correm pelo barranco ou se chegam curiosos á beira do rio, para olharem a lancha que passa. Mais adiante uma fumaça esbranquiçada atravessa o této de palha de um galpão e um cheiro gostoso de rapadura se espalha no ar, provocando desejos e despertando em nossa mente fatos vividos na meninice passada.

Tabernas construidas sobre balsas flutuam na beira do rio; roças; queimadas; cacauais extensos pejados de frutos maduros, com suas folhas de todas as cores, esverdeadas, amareladas, avermelhadas; arvores pendidas sobre o rio, recentemente caídas, as folhas ainda verdes; outras já mortas, parte do tronco

ainda em terra e a galharia a afogar-se no rio, levantando para o céu seus braços desnudos numa perene invocação de um socorro impossivel; raizes e rizomas descobertos pela ação corrosiva das aguas; barrancos e praias; igapós, campos de pastagem, desembocaduras de rios e igarapés; ilhas enormes, compridas que mais parecem continentes, ilhotas pequeninas, e, aqui, alí e acolá uma cabeça enorme de jacaré aparecendo á flor dagua, provocando nossa pontaria. Os tiros partem, mas os saurios preguiçosos, sem fazer caso dos caroços de chumbo que lhe atiramos, mergulham e desaparecem.



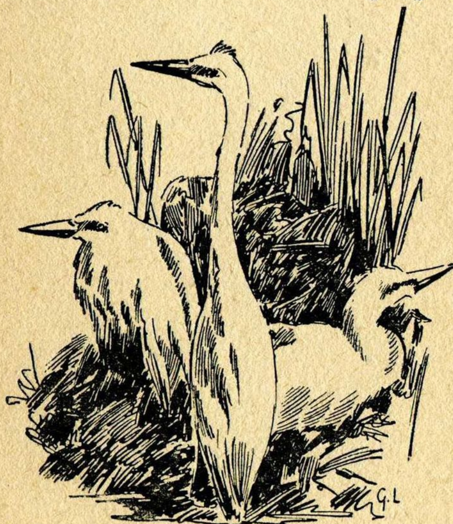
O gavião lá do alto...

O natural dos filmes naturais. Verdadeiras cenas como as que assistimos frequentemente nos cinemas.

Cortando o espaço, atravessando o rio, dispostos em forma de V, como esquadrilhas

de aviões, aos tres, aos cinco ou aos sete, passam os marrecos selvagens batendo as azas compassadamente, ora raspando a superficie das aguas, ora no alto, bem no alto, como a perscrutar de cima o panorama cá em baixo, á procura de lugares mais seguros e quietos. Ou então são os papagaios, sempre aos pares, casais felizes, eternamente enamorados, que passam lá por cima atirando aos ares as notas rouquenhas de suas melodias bizarras.

* * *



...as cabeças brancas das garças...

Garça morena

Nos campos alagados, cobertos de canaranas, as cabeças brancas das garças destoam do cenario verde da vegetação. Outras vezes são as garças cinzentas que movem nossos olhos curiosos e espantados, garças que

nos fazem recordar estes admiraveis versos de Thaumaturgo Vaz:

GARÇA MORENA

Garça morena! Inveja de outras garças!
Porque não nadas mais no lago quieto
Do Sonho, onde outras nadam, sós, esparsas,
Sem carinhos, sem beijos, sem afeto?
E, porque não vôas serena,
Por sobre as aguas afóra,
Como outróra,
Garça morena?

Que força extranha, que poder augusto,
Fez-te sentir o golpe da desgraça?
Quem te disse que o mundo é sempre injusto,
Que o sonho é como pluma que esvoaça?

Por acaso sentiste essa amargura
Que desola, que abate, dilacera
E envenena?
Quem te mostrou a grande noite escura
Que o desespero tresloucado gera,
Garça morena?

Não procures saber o que se esconde
No bojo desse mar negro e revolto
Da Vida, onde a miseria móra e onde
Anda o demonio doidamente solto!

Afasta o teu olhar sereno e manso
Pomba de luz! Formosa borboleta!
Ideal falena!
Na vida jamais sintas o balanço
E a atroz repulsa da cruel marêta,
Garça morena!

Deixa que o Sonho parta e o Sonho volte,
Como o Sol, as Venturas e os Gemidos
E que o teu coração nunca mais solte
O grito horrivel dos desiludidos.

Olha bem para mim! Vê como a sorte
Alquebrado tornou num só segundo,
Cheio de dores e pena,
O que era de entre todos o mais forte
E o mais crente nas coisas deste mundo,
Garça morena!

Sonha! O Sonho é sempre uma ventura,
Pareça embora a sombra da desgraça!
O tormento do Sonho jamais dura,
E' como o vento, velozmente passa!

Garça morena! Inveja de outras garças!
Vem! Volta a nadar no lago quieto
Do Sonho, onde outras nadam, sós, esparsas,
Sem carinhos, sem beijos, sem afeto!

Vem! Vôa serena!
Por sobre as aguas afóra,
Como outróra,
Garça morena!

* * *



Novas surprezas e novas emoções

E a lancha passa cortando as aguas, a bandeirinha azul e branca tremulando no tope do mastro pequenino, sobresaltando a passarada. Ao barulho do motorsinho trepidante logo as margens se povoam. Os caboclinhos aparecem correndo em cima das barrancas. Das varandas das casas, dos terreiros, de todos os cantos, olhos curiosos acompanham nossa marcha. Olhos de gente e olhos de bichos. E os que passam a nosso lado remando igarités ligeiras ou montarias pesadas, sustam seus movimentos e aguardam satisfeitos o balouço das embarcações ao contacto das ondas que a lanchinha vai provocando em sua corrida.

E as cenas se sucedem. Novos aspectos nas margens, novos matizes nas folhas. Troncos enormes de cedro ou de sumaúma, galhos secos, flócos de munguba, grupos pequenos de matupás ou grupos grandes de canarana, formando as periantãs e os mururés levados na correnteza, ao sabor das aguas, como ilhas flutuantes e descuidosas. Novas surpresas e novas emoções. Outras garças, brancas e cinzentas, socós, guarás vermelhos, arapapás e muitos outros pernaltas habitantes das margens, solitarios ou em bandos aparecem entre as canaranas e os matupás.



...pernaltas habitantes das margens...

A quem olha essas margens, de longe, só o verde unitono da mata se apresenta com as arvores sempre do mesmo porte, apenas aqui e alí, uma sumaumeira gigantesca sobresaindo

por cima do copado denso da mataria. Passando rente ás bordas, o cenario é bem diferente: arvores portentosas dominando e ensombreando outras menores; arbustos, plantinhas miùdas, hervinhas, lianas, touceiras, canaranas, murís e matupás boiando nas aguas. Agora são arvores de portes diversos; além das sumaumeiras, os cedros, as sapucaias, as itaúbas e as acariquaras de cerne resistente como o ferro, os piquiás, todos dominando pelo seu porte avantajado as outras especies mais baixas. E sob as copas das arvores mais altas, uma promiscuidade de galhos e de folhas, mil especies diversas se apertando e se repelindo, se sufocando e se ajudando na continua escalada para o alto em busca da luz. Assaizeiros de caules compridos e finos galgam as alturas amparados pelas ar-



vores visinhas. Sí estas lhe faltam, nas roçadas, vergam eles até tocarem o chão com suas copas verde claro pejadas de frutos roxos que o caboclo aprecia sob a forma de beberagem esquisita e gostosa.

* * *

Minha terra tem palmeiras

Em nenhuma outra parte do mundo, se conhece numero mais consideravel de palmaceas do que na Amazonia. Ao se penetrar o Rio-Mar, saindo de Belém, avultam sobremaneira os buritizeiros de folhas em forma de ventarolas coloridas de verde escuro. Com o proseguir da viagem, vão eles rareando cada vez mais, substituindo-se pelos assaizeiros que aumentam progressivamente até proximo de Manáus.

Além do assaizeiro e do buritizeiro, são encontradiças, ainda, outras especies como o coqueiro, a bacaba, o tucum, o japatí, a jussara, o tucumã, o patauá, o mirití, a pupunha, o ubas-



Minha terra tem palmeiras.

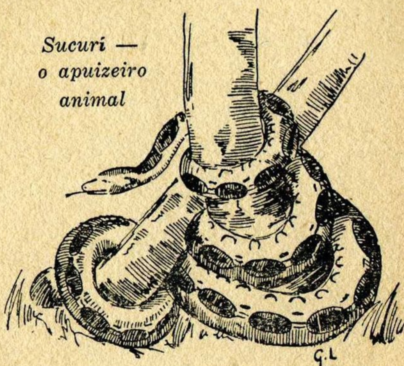
sú, o janarí, a paxiúba e quantas outras, todas elas aproveitadas pelos caboclos, pelo uso de seus frutos, como alimento, de suas folhas para a cobertura das choupanas e para a preparação de fibras texteis, de suas madeiras, de seus oleos e resinas, de suas cascas como estopa para a calefetação das embarcações. Ha ainda as sementes ricas em oleo, servindo de combustivel ou até mesmo para a iluminação; ha palmeiras que fornecem os palmitos saborosos e aquelas cujas sementes, queimadas, produzem fumaça densa usada na coagulação do leite da seringueira para a preparação da borracha. Ha enfim especies de porte elevado ou de porte minusculo; de troncos volumosos e de hastes finissimas. Ha palmeiras sem caule, cujas palmas formam touceiras á superficie do solo e ha as trepadeiras que se enroscam pelos

Coatí-purú roedor de côcos e amendoas.



troncos das arvores e sobem para o alto na sêde de luz.

As palmeiras, principalmente os buritizeiros, são as vitimas preferidas do apuizeiro. Este é um *ficus* que se desenvolve como os cipós, começando geralmente no tópe das arvores e descendo pelo tronco envolvendo-o até alcançar o solo. Fincando suas raizes no solo, começa então a tomar corpo; esparrama-se em volta do tronco cobrindo-o completamente e passa, então, a estrangular a copa, acabando por asfixiar totalmente sua vitima, matando-a. E' a sucurí vegetal. Só o taperebazeiro resiste ao abraço impiedoso desse inimigo. Em meu percurso pelo Amazonas e seus afluentes, tive ocasião de ver muitos apuizeiros em estados diversos de desenvolvimento. Ora, como uma simples faixa esbranquiçada enrolada ao tronco das arvores, ora ocultando-as já totalmente,



Sucuri — o apuizeiro animal

apenas a copa aparecendo no alto ou então já tendo dominado completamente as vitimas de seu amplexo fatal.

A flora amazonica exuberante e variada oferece os exemplos mais interessantes da vida vegetal. Dela se aproveitam os caboclos para as industrias extrativas, suas construções, seus alimentos e suas ornamentações. Ha plantas que fornecem agua como o cipó dagua e o imbé, com que se dessedentam os que percorrem as florestas longe dos cursos dagua; as que substituem o sal no tempero das comidas, como o cururí; as que fornecem um liquido inflamavel, especie de querozene vegetal; as que propiciam um leite delicioso e alimenticio, como a sorveira; as que dão guaraná, bauni-



lha, mel e sei lá quantas outras mais, uteis, interessantes e instrutivas.

* * *

Borracha — Ouro elastico

De todas as especies vegetais da Amazonia, nenhuma outra tem despertado maior atenção do que a seringueira. Foi ela o elemento primordial do desenvolvimento e do progresso da Amazonia, constituindo mesmo em tempos atraz, para a riqueza nacional, a maior fonte de renda do Brasil.

A industria da borracha provocou uma grande corrente emigratoria para o hinterlande amazonico, e dos estados nordestinos, do Ceará, sobretudo, lévas e lévas de brasileiros se dirigiram para o extremo norte povoando os seringais, concorrendo com os tapuias.

Com o preço alucinante alcançado rapidamente pela borracha, fortunas fabulosas e faceis proporcionaram aos seringueiros uma vida desregrada de prazeres e loucuras. Ma-

náus e Belém eram os centros em que se dissipavam os dinheiros. Homens sem a mais rudimentar cultura, analfabetos mesmo, viram-se enriquecidos da noite para o dia. Contam por lá que um seringueiro do Acre marcava suas cargas com trez L. Eram as iniciais de seu nome, dizia ele: Lixandre Liveira Lima!...

Tudo se vendia a prazo, para ser pago depois no ajuste de contas. As casas comerciais de Belém e Manáus enviavam os fornecimentos de generos, roupas, remedios, apetrechos de caça e pesca e tudo o mais necessario á vida dos seringueiros e recebiam por sua vez as "péles" de borracha que lhes enviavam dos seringais. Passada a epoca da colheita, vinham aos centros receber e gastar o dinheiro que lhes deviam. Com a crise que sobreveio pela incuria de nossos governos, cedendo aos inglezes sementes de nossa hevea, houve um colapso total na economia e nas finanças da Amazonia. Contam-se hoje a dedo os comerciantes e seringueiros que conseguiram escapar á catastrofe. E enquanto se empobreciam os nacionais, enriqueciam-se os asiaticos e os

inglezes, sempre expertos e previdentes. Oitocentas mil toneladas anuais de borracha da Asia suprem os centros consumidores do mundo, deixando á produção nacional de 14 mil toneladas, apenas uma margem de lucros que não comporta os trabalhos e as provações a que obriga a vida dos seringais da Amazonia.

Por ocasião da derrocada da borracha, deu-se o exodo das populações amazonicas. Os seringais se despovoaram quasi que inteiramente. Só não sairam os que não puderam conseguir o dinheiro para as passagens ou um transporte gratuito. A industria extrativa chegou a uma situação que equivalia praticamente a uma paralisação e os que por lá ficaram, sem outra fonte de renda que lhes garantisse a subsistencia, atravessaram longo periodo de privações ás quais se juntavam de quando em vez desoladoras epidemias de impaludismo. Ficaram esses brasileiros abandonados a sua sorte. Vinte anos de sofrimento. A experiencia lhes tinha sido amarga, mas de alguma sorte lhes servira, porém. Com a necessidade, novos rumos deram eles mesmos a seu trabalho. Melhorando a produção, be-

neficiando a borracha colhida, instalando até pequenas industrias para o aproveitamento da propria produção, sem qualquer amparo dos governos, conseguiram os seringueiros vencer aos poucos a crise que os assolara. A borracha, máu grado a concurrencia das Indias, foi aos poucos se elevando. Os nordestinos, foram retornando aos seringais. Começou-se a plantação racional da seringueira em zonas mais acessiveis á navegação e ao transporte. Os preços que no começo nem siquer pagavam os gastos com a extração e os transportes, melhoraram. E os governos... moita.



O mais perseguido habitante dos seringais.

Agora que a situação se mostra mais promissora; que os preços já deixam margem a algum lucro, agora então aparece o governo disposto a "amparar" a borracha. Como? Creando um... Instituto da Borracha! Depois da experiencia com os institutos do café, do cacáu, do assucar e sei lá quantos outros mais, e dos quais só decepções nos têm advindo, ainda se pensa em organizar um Instituto para a borracha.

E' o caso de se dizer: tem dente de coelho nesse negocio!

* * *

Planos, "coletes" e crepusculos

Na lancha, durante o dia, quando não se estava comendo, concertavam-se planos de atuação nos lugares a serem visitados; ouviamos anedotas e historias engraçadas do Garibaldi, as bravatas do Walter e as lendas amazonicas do Ramayana. Eu escutava mais do que falava; porém, como bom brasileiro, arris-

cava de quando em vez uma anedota ou uma pilheria.

Nas horas de mais calor, nós nos defendiamos o quanto era possivel. Ficavamos em calções de banho, os pés mergulhados na agua, esvasiando as garrafas de guaraná ou tomando os "coletes" que o Walter proficientemente preparava com suco de cajú e "agua que passarinho não bebe". Exgotados os "coletes" e os guaranás, só nos restava a agua barrenta do rio. E' voz corrente no Amazonas, que a agua dos rios barrentos não faz mal á saude, ao passo que a dos rios de aguas limpidas, é geralmente perigosa. E' esta uma das muitas armadilhas com que a natureza amazonica se defende dos que lhe querem violentar a harmoniosa barbarie.

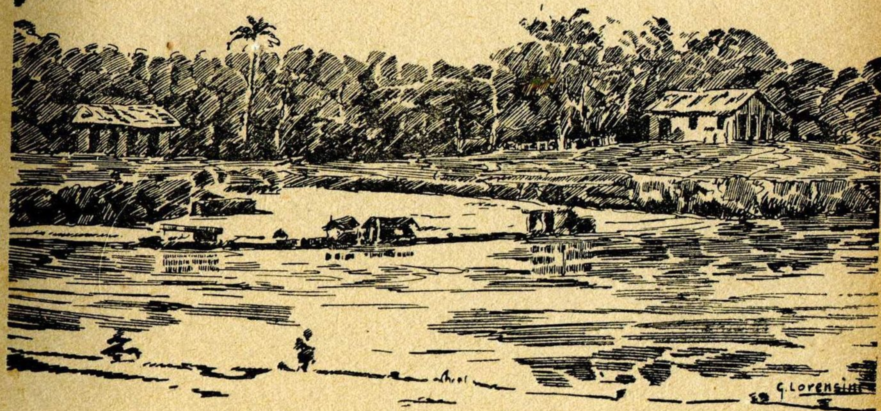
Á tardinha, na prôa da lancha, inspirados e enternecidos pela paisagem serena dos paranás tranquilos e pelas télas primorosas que o pôr-do-sol nos proporcionava, cantavamos e recitavamos.

E a "Boa Nova" seguia, a tragar, sedenta, os quilometros de estrada liquida que medeiavam seu destino. Nosso destino.

O "Baixo Amazonas"

Autaz-Assú
Fóz do Uatumã
Urucará
Itapiranga
Itacoatiara
Paraná da Eva





O panorama das margens

Autaz-Assú

NO sitio do Rhaman, descançamos, almoçamos e palestramos. Á saida, tivemos refeitas nossas reservas alimenticias e mais algumas duzias de guaranás nos foram dadas. O Walter apareceu nos ultimos momentos com duas pedras de gelo. Bem dizia ele que havia gelo por aquelas bandas...

Á tarde alcançamos Autaz-Assú. No momento em que chegavamos, uma cova se abria para receber em seu seio o corpo de um brasileiro vitimado pela malaria. Era o terceiro que se enterrava naquele dia. Pobre Brasil!



Uma igrejinha de madeira...

Uma igrejinha de madeira, a casa comercial do local, tres ou quatro barracas na visinhança, um grande barracão de palha improvisado para aquela noite e uma porção de barraquinhas tambem de palha, tudo enfeitado de bandeirolas de papel colorido, ramagens e flores silvestres, formavam o ambiente festivo daquele povoado. Os caboclos chegavam de quando em quando remando suas pirogas horas a fio, para a festa do arraial de Autaz-Assú. Era uma noite sómente e por isso não queriam perdê-la. O padre Pereira ficou de lá ir e muitos batisados e alguns casamentos estavam assentados para aquele dia.

Aí passamos a noite. Pela madrugada o "chorinho" ainda se fazia ouvir, os pares dansavam no terreiro e a "pinga" corria. O caboclo dá a vida por um trago de cachaça e quando esta é de Jararaca, aquela cidadesinha em que se aporta logo depois de se deixar Belém do Pará, então é de se estalar a lingua...

Dizem na Amazonia que o ideal do caboclo era que os rios corressem de um lado para cima e do outro para baixo, porque assim não

precisariam remar. E que no meio corresse cachaça... Não queriam mais nada na vida.

O caboclo conserva ainda certas tendencias dos indios, seus ancestrais. A atração pelo alcool, sob a forma de cachaça ou outras beberagens fermentadas, é notavel. Contam ainda, no Amazonas, que durante o carnaval muitos deles se dirigem a Manáus para aí gosarem as delicias dos festejos pagãos. Montados em suas canoas, remam eles dias a fio para alcançarem Manáus no sabado, vespera do Carnaval. Acontece, porém, que logo ao chegarem á capital amazonense, entregam-se á pratica do alcool e uma vez embriagados são recolhidos ás prisões onde permanecem durante os tres dias do folguedo para serem soltos apenas na Quarta-feira de Cinzas.

E' esse o carnaval dos caboclos. Voltam então a seus povoados, ou choupanas, satisfeitos da vida. Passaram o carnaval em Manáus...

E no ano seguinte, repetem a façanha.

* * *

Fóz do Uatumã

Pela manhã seguinte deixamos Autaz-Assú. Rumámos para Itacoatiara onde passamos apenas algumas horas e continuamos depois nossa rota em demanda da Fóz do Uatumã, pequeno povoado que alberga umas duzentas almas apenas. Casas de palha tão sómente. Aquí ainda, muita malaria e muita miseria. Muita miseria e muita riqueza latente. Das praias do Uatumã muitas amostras de areia têm revelado a presença de minerios importantissimos, como o cobre, o arsenico e o zinco, e das terras firmes por onde corre esse rio outras amostras de carvão de pedra já revelaram possiveis camadas carboniferas de valor inestimável.

Itacoatiara significa "pedra pintada" e ao citar este fato quero recordar aqui a valio-

Um dos petroglifos de Itacoatiara



sa contribuição trazida por Bernardo Ramos para o estudo do Brasil prehistorico, contribuição esta baseada justamente na decifração de inscrições achadas em grande numero de pedras, principalmente na Amazonia e até mesmo na Gavea, no Rio de Janeiro.

A existencia de inscrições hieroglificas em pedras já era de ha muito conhecida na Amazonia e a propria cidade de Itacoatiara tem seu nome derivado de tais inscrições encontradas em varias pedras na margem do rio, nesse local. Foi em Itacoatiara que tiveram origem os estudos levados a cabo com pertinacia e inteligencia por Bernardo Ramos, revelando esses estudos a existencia de uma civilisação pre-columbiana de origem fenicia no vale amazonico.

Não só em Itacoatiara, mas tambem na Fóz do Uatamã e em Urucará, por onde passamos, essas criptografias de ha muito desafiavam a curiosidade dos viajantes, tendo-se a elas emprestado significações variaveis, acreditando uns tratar-se de simples garatujas feitas em tempos pelos indios, enquanto que

para outros deveriam traduzir alguma cousa de maior importancia e valiosa para a ciencia.

Ao ter conhecimento da existencia de semelhantes inscrições, Bernardo Ramos, que já havia visitado o Egito, a Siria e a Grecia, aprofundando-se no estudo dos idiomas fenicios e hebraicos, dedicou-se então á analise minuciosa das inscrições encontradas e poude mais tarde revelar a verdadeira significação de seus achados. Tratava-se, de fato, de documentos prehistoricos atestando a passagem pela amazonia de fenicios e gregos, em remotas epocas da historia precolumbiana, cerca de 800 anos antes da era cristã.

Em sua pesquiza por essas regiões situadas no baixo Amazonas, notadamente Itacoatiara, Fóz do Uatamã, Urucará e outras mais, além da observação que fez das inscrições deixadas pelos antigos nas faces das pedras, poude Bernardo Ramos, estudar *in loco* ainda, o mais curioso desses documentos cuja palpitante realidade atravessou os seculos, vencendo a resistencia do homem barbaro e a inclemencia dos elementos. Quero me referir

á necropole encontrada perto de Itacoatiara entre o canal Arauató e as terras Amatary, denominada Miracãuera. Situada á margem do rio, tem sido a mesma destruida em parte pela ação corrosiva das aguas que de vez em quando, desbeiçando as barrancas, vão denotando a existencia de fragmentos de ceramica, urnas funerarias antigas em que se sepultavam os representantes dessa civilização fenicia ha seculos desaparecida.

Para Bernardo Ramos, uma outra necropole além da de Miracãuera, existe ainda em Urucará, onde são vistas numerosas pedras com inscrições e figuras diversas esculpidas á semelhança das encontradas em Itacoatiara.

E' de todo lamentavel que o governo não se tenha ainda resolvido a levar a cabo uma pesquiza mais sistematizada nessa região de onde, talvez, poderiam ser desenterrados valiosos tesouros para a historia arqueologica nacional. Quem sabe, não esperam nossos governantes alguma comissão extrangeira que por aqui apareça para com nossos documentos enriquecer os museus de Nova-York, Londres e Paris?

Bernardo Ramos, falecido em 1931, foi um dos mais ilustres filhos do Amazonas e a ele deve a ciencia nacional uma das mais interessantes contribuições enfeixadas em dois alentados volumes que a Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, está publicando por ordem do Governo Federal. Nessa grandiosa obra sob o titulo de "Inscrições e Tradições da America Prehistorica" o autor estuda de modo particular as inscrições nas pedras e nas ceramicas que em varios pontos do Brasil têm sido encontradas. De seus estudos e observações deixou ele uma valiosa coleção de objetos hoje conservados no Instituto Geografico e Historico do Amazonas, numa sala especial denominada "Bernardo Ramos" como uma justa homenagem que lhe prestaram seus compatriotas e amigos.



Murucututú

* * *

Urucará

Depois da Fóz do Uatamã, Urucará, séde do municipio do mesmo nome. Uma fieira de casas ao longo do barranco do rio. Algumas casas de comercio. Muita falta de conforto e principalmente muitas febres. Nunca vi e especialmente nunca senti tanto mosquito! Lembrei-me então de meu amigo Beutemiller descrevendo uma cidade do Pará por ele visitada e onde dizia haver tanto mosquito que nem se podia falar. Ao se abrir a boca, os mosquitos logo a invadiam e a gente, sem querer os deglutia! Assim acontecia em Urucará.

A noticia da chegada de dois medicos na cidade foi recebida com geral satisfação. Visitamos varios doentes. Estavamos em casa de um enfermo quando nos foi procurar uma mocinha, pés descalços, em andrajos. Tremia de sezão. Pediu-nos para chegar até sua casa onde haviam outros doentes. Lá fomos os dois e nos compungimos diante do quadro doloroso que encontramos: toda a familia caída de impaludismo. Adultos, velhos e crianças. Eram

dez ao todo, deitados em redes, sem remedios e sem alimento.

No dia seguinte, quando nos dirigiamos para a lancha, aproximou-se de nós uma mulher acompanhando uma menina de quatro ou cinco anos. Aquela criança que alí estava havia manifestado o desejo de nos saudar e falar. Era céga. Seus olhinhos tinham sido roidos pelas larvas e nas suas orbitas vasias, ensanguentadas e purulentas expunha ela todo seu infortunio e sua desgraça. Abracei-a e beijei-a consternado, comovido e emocionado. Não pude suster algumas lagrimas. Parecia que abraçava naquele instante o proprio corpo do Brasil, esse "vasto hospital" na frase candente de Miguel Pereira.

Nossa visita a Urucará trouxe-me á mente a tristissima historia da concessão de terras aos japonezes, sobre a qual tanto se discutiu, no antigo parlamento e na imprensa do país. O caso merece um registro especial. Um dos ultimos governos constitucionais do Amazonas doou a um deputado japonez uma faixa de nada menos do que 100.000 hectares de terra

no municipio de Urucará para que se localizasse uma colonia agricola japoneza...

Contra tal deliberação insurgiram-se varios parlamentares e, creio, o proprio exercito nacional, todos alegando motivos de ordem economica, de ordem social e mesmo estrategica. Foi tal o protesto, que o Governo Federal resolveu desfazer o negocio.

E por falar em ordem estrategica, recordo-me ainda que ao passar pelo forte de Obidos, unica defeza militar hoje encontrada no curso do Amazonas, observei duas colonias japonezas situadas uma de cada lado desse forte.

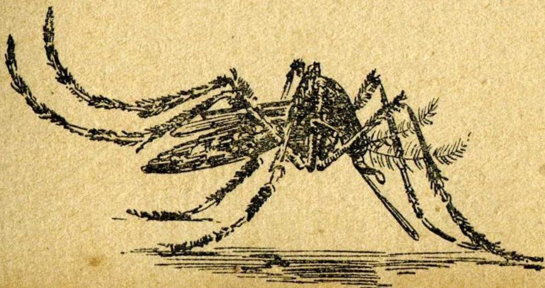
Não é isso esquisito?...

Depois de Urucará, rumanos para Itapiranga.

* * *

Itapiranga

Itapiranga é a sede do municipio de Silves e como cidade é muito peior do que Urucará. Outra fileira de casas na frente do barranco, quasi todas cobertas de palha.



Algumas, muito poucas, de telhas e duas de madeira para a séde da Prefeitura e a Escóla. Esta ultima ainda por acabar, simbolizando em sua ineficiencia a educação no Brasil. Ausencia completa de todo e qualquer conforto o que nem por isso diminuia o muito amor que os caboclos daquele lugar devotam ao Brasil.

O barranco da margem, mesmo durante o periodo das cheias, é extraordinariamente alto e um dos ultimos prefeitos, fez construir uma escadaria de madeira que representa o que de mais interessante existe na cidade e que facilita aos que aí desembarcam uma subida mais comoda. Mesmo assim, quando se alcança o alto, o ar parece mais escasso e o coração se assemelha a um poldro chucro. Fica aos pinotes.

Deixamos Itapiranga com saudades e a nossa partida todos demonstravam uma ale-

...uma escadaria de madeira...



gria indizivel pelo exito da visita e ao mesmo tempo uma sentida tristeza pela imperiosidade de nosso afastamento.

* * *

Itacoatiara

Itacoatiara foi a nossa proxima parada. De todos os lugares visitados é este o mais adiantado. E' mesmo, além de Santarém, a mais adiantada de todas as cidades entre Belém e Manáus.

Itacoatiara, como já ficou dito, significa "pedra pintada". Aí, pretenderam durante uma das ultimas administrações, construir um porto flutuante, semelhante ao de Manáus. Enorme soma foi dispendida para esse fim, mas, da tal ponte projetada só se veem hoje, amarrados ao cais antigo, alguns tambores de aço, já em vias de corrosão pela ferrugem impiedosa.

Coisas da Amazonia... Só da Amazonia?

Itacoatiara já havia recebido antes nossa visita, curta, de passagem apenas, para um curativo no braço do Ramayana que se queimara ao se apoiar, por lamentavel distração, no cano de escapamento da lancha e para acertar então nossa visita formal quando do regresso a Manáus. Por isso, a cidade toda se inteirou de nossa presença e a estada em Itacoatiara foi das mais interessantes e agradaveis.

Entre outras curiosidades que aí nos despertaram a atenção, quero recordar que Itacoatiara possuia então em sua Camara Municipal uma representante, a unica vereadora em todo o Estado. Era ela Presidente da Camara e em materia de atividades politicas ninguem lhe levava a palma no Municipio. E tinha razões para isso. Seu chefe, na Capital, medico dos mais competentes e homem de fino trato, era um verdadeiro mestre na arte...

* * *

Paraná da Eva

Saindo de Itacoatiara, planejavamos alcançar á noitinha um pequeno povoado no Paraná da Eva. Um caboclo de Itacoatiara pedira, porém, reboque para suas duas canoas e isso atrazou a marcha da "Boa Nova". A noite nos encontrou em caminho e tivemos de dormir em casa desse mesmo caboclo. Armamos nossas redes, mas quem disse que se podia dormir? Nunca senti tanto calor! Na rede dependurada nos caibros da varanda aberta, na frente da casa, nem assim conseguia conciliar o sono. Suava abundantemente e já pensava mesmo estar doente, quando o Ramayana reclamando contra calor terrivel que fazia, disse estar transpirando por todos os póros. Fiquei satisfeito. Não era doença. Era calor de verdade. E além do calor, uma barulheira infernal.

Uma orquestra de sapos azucrinou-me os ouvidos com uma sinfonia noturna de bemois e sustenidos. Uma verdadeira sinfonia... inacabada de roncos, batidos de madeira, ti-

nidos metalicos, gemidos, sons guturais os mais variados, cada qual com sua tonalidade e seu ritmo proprios, todos porém como que harmonicos e sincronizados.



"Sapo cururú
Da beira do rio..."

Paremos um instante nos sapos para contar algumas coisas curiosas. A variedade de sapos na Amazonia — não precisaria, talvez, dizer — é enorme. Ha por lá sapos de porte diminuto e de porte avantajado, como o cururú, por exemplo, ao qual as lendas atribuem propriedades as mais interessantes e que constitue um dos muitos bichos "papão" com que na Amazonia se amedrontam as crianças insones.

"Sapo cururú
Da beira do rio,
Vem pegar esta criança
Que não quer dormir..."

Quantas vezes eu mesmo já não dormi ao canto desta toada local, certamente mais hipnotica por sua monotonia que pelo pavor que ás crianças possa infundir. Sapos peçonhentos, cuja peçonha entra na preparação de venenos violentissimos; sapos criados com carinho para o exterminio de insetos e pragas daninhas ás plantações e até mesmo sapos cujo veneno, leitoso, aplicado sobre a pele escarificada produz efeito... purgativo! E' como se purgam alguns amerindios na planicie amazonica. O selvicola é rico em conhecimentos sobre a flora e a fauna amazonica. Sabe tirar da natureza tudo o que necessita para sua alimentação, seu relativo conforto, sua defeza e sua saude. E ainda sobra muita coisa de que se serve a maldade humana para seus maleficios...

Um cachorro, medroso por certo, latiu a meu lado a noite inteira. Porcos e vacas barulharam o tempo todo com seus roncos e seus badalos e pela manhãsinha nos levantamos indignados com a idéa de ali passar a noite.

O que salvou um pouco a situação, foi um leite magnifico bebido ao pé da vaca, no

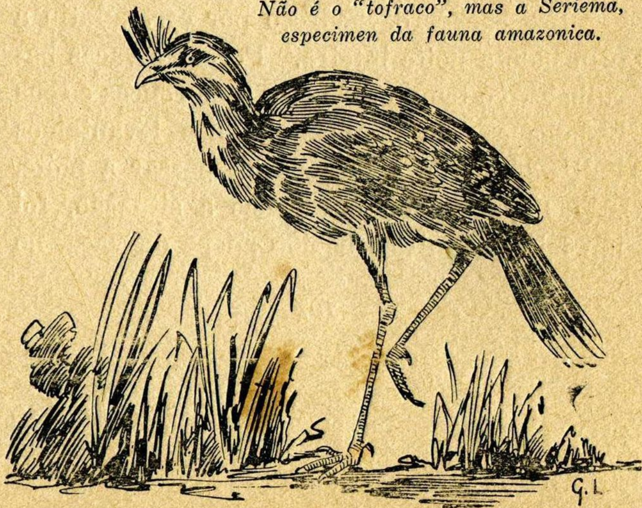
curral, quentinho, espumante e saboroso. Depois caímos nos cajueiros e retomamos a lancha em demanda do Paraná da Eva, onde chegamos por volta das 10 horas.

Nossa estada neste local foi a mais cordial e agradavel. Depois do almoço, um lauto almoço no qual pela primeira vez provei "tofraco" ou "picota", iniciamos nossa volta definitiva para Manáus.

Uma lancha mais veloz do que a nossa cobre facilmente o percurso de Manáus ao Paraná da Eva em cerca de 4 a 5 horas.

"A Boa Nova" deveria levar desse paraná a Manáus seguramente umas 9 a 10 horas, de forma que tendo deixado esse ultimo porto ás 4 da tarde, mais ou menos, esperavamos alcançar Manáus entre 1 e 2 da madrugada.

Não é o "tofraco", mas a Seriema, especimen da fauna amazonica.



Os habitantes do rio

Peixes do Amazonas
Cada peixe tem sua história
Tartarugas



O mais temivel dos habitantes do rio.

Peixes do Amazonas

SEMPRE receei viajar á noite, mas tal era nosso desejo de chegar em casa, que resolvemos arriscar a sorte naquele dia. A lancha aos pipocos ritmados de seu motorsinho barulhento, singrava as aguas tranquilas dos paranás em demanda do Rio Negro. Eu e meus companheiros recordando o passado, comentando o presente e planejando o futuro. De repente, um peixe saltando mais alto, caiu dentro da lancha a meus pés. Precipitei-me para agarra-lo, quando a isso fui obstado pelo Vicente:

— Não faça isso, doutor, gritou ele. E' um "peixe-cachorro"!

— Um "peixe-cachorro"? perguntei eu espantado.

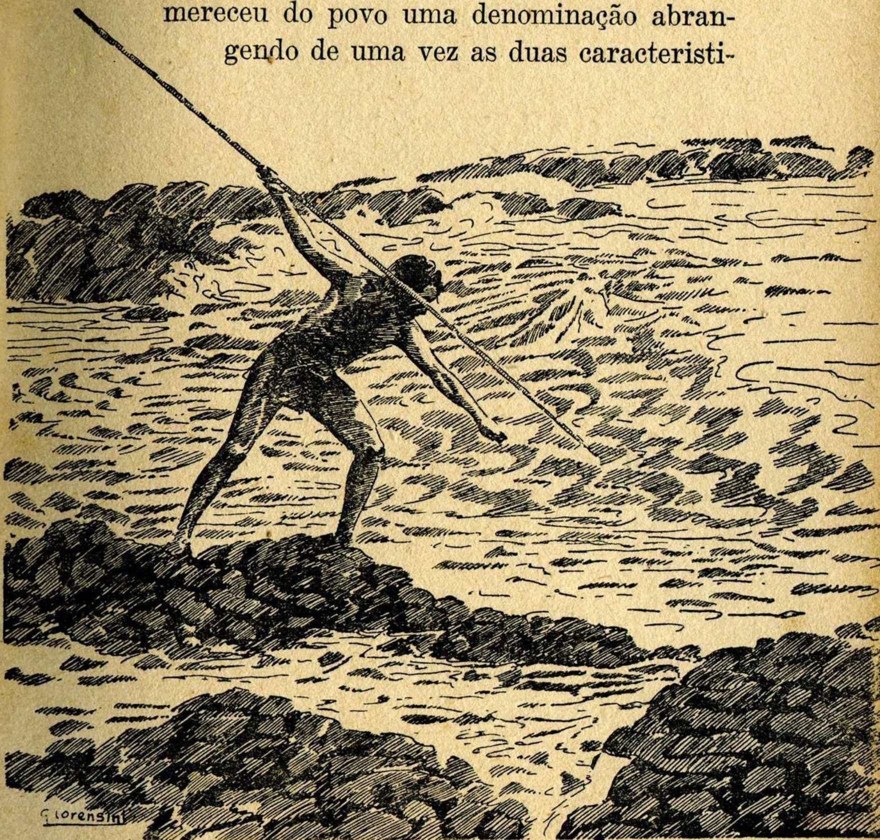
E o Vicente, pisando-o, segurou-o depois com cautela, mostrando-me os dentes terriveis do bicho. Duas presas formidaveis apareciam, capazes de atravessar as mãos dos incautos e dos neofitos em amazonologia.

Segurei tambem o cachorro do peixe para jogá-lo de novo nas aguas. E minha mão ficou com a palma prateada, como si eu tivesse pegado em purpurina de prata, tão frageis e tão finas eram suas escamas.

O rio Amazonas é fertilissimo em peixes. De todos os tamanhos e feitios, desde o pequenino e temido candirú, até eletricos como o puraqué. De todas as formas, são eles abundantissimos naquela região. Os de escama são os mais apreciados e a maior parte da população não come os peixes de pele. Dá lepra, dizem eles. E por isso não comem a piraíba, abundante de carne e deliciosa. Só os extrangeiros incredulos acerca de nossas superstições ou "tabús", como diria Josué de Castro, só os extrangeiros se alimentam de tais peixes. Mais do que a superstição, creio que é a fartura que dá ao caboclo a faculdade de escolher. Não lhe interessam os peixes de pele porque ha em abundancia os de escama, possivelmente mais gostosos do que aqueles.

O pirarucú, bacalháu nacional e o tambaquí são os mais encontradiços e extraordinariamente gostosos. O tucunarê com sua pinta

caracteristica na cauda é o peixe fidalgo por excelencia, de carne saborosissima. E o peixe-boi, o mais carnudo de todos, dá para alimentar uma familia inteira durante muitos dias. Apesar de designado pelo nome de "peixe-boi", essa especie amazonica não passa de um cetaceo, mamifero aquatico, que por possuir habitos semelhantes aos dos bois, como o de ser herbivoro e "pastar" entre as touceiras de capim aquatico, como as canaranas, mereceu do povo uma denominação abrangendo de uma vez as duas caracteristi-



...São caçados a arpão...

cas, isto é, a de peixe, por viver na agua e a de boi, por ser um mamifero e herbivero.

O pirarucú e o peixe-boi são caçados a arpão ou a flexa. O caboclo, sabedor dos locais por onde eles devem passar e aflorar á superficie da agua para a respiração, desfecham sobre eles suas armas certeiras. De uma feita vi eu nesta viagem nada menos do que 10 canoas em linha, os caboclos em pé, imoveis, empunhando seus arcos e as flexas apontadas para o rio. Nesta posição ficam eles horas a fio, como estatuas, sem quasi pestanejarem, os musculos retezados, com paciencia mongolica.

Relativamente ao pirarucú, merece menção o fato de como se comporta a femea no momento da desova e da criação dos filhotinhos. Para a desova, procura ela o lugar mais fundo do rio e no leito lamacento, com o focinho, abre um buraco onde deposita os ovos. Enquanto espera pela eclosão dos mesmos, fica ela de guarda, permanentemente rondando o local. Dada a eclosão dos ovos, durante muito tempo são os filhotes acompanhados pela mãe afim de proteger a prole

contra o apetite devorador de outros peixes maiores e o mais interessante é que ao se aproximar algum peixe no qual se possam lobrigar ocúltas e perversas intenções, recolhe a mãe toda sua prole dentro das guelras, onde os filhotes se acham a saldo da voracidade alheia.

O arauná vai ainda além do que faz o pirarucú: conserva os ovos na boca até a eclosão. Com certeza tais ovos constituem uma fina iguaria para outras especies ictiologicas e daí o cuidado da femea em sua conservação.

Sobre a piraíba ha uma interessante particularidade que merece ser narrada: ela representa a especie mais avantajada da fauna ictiologica do Amazonas, chegando a medir uma piraíba adulta de dois a tres metros de comprimento. E' maior mesmo que o proprio pirarucú.

Aparecendo e desaparecendo em movimentos de acrobatas, vemos frequentemente dezenas de bôtos traquinas. Dotados de força extraordinaria esses peixes são temidos pelos

demais e sobre eles se narram até hoje as historias mais curiosas e fantasticas.

Assim como se costumava atribuir ás iáras o desaparecimento dos rapazes, fascinados por sua beleza, atraidos por seus encantos, era comum justificar-se o desaparecimento das cunhatãs, dizendo que esses peixes transformando-se em rapazes bonitos, conquistavam as caboclas e com elas se internavam de novo no seio das aguas.

Até hoje se conta que nos naufragios ocorridos no Amazonas e seus afluentes, os bôtos prestam otimos serviços de salvamento. Mas, que só salvam as mulheres...

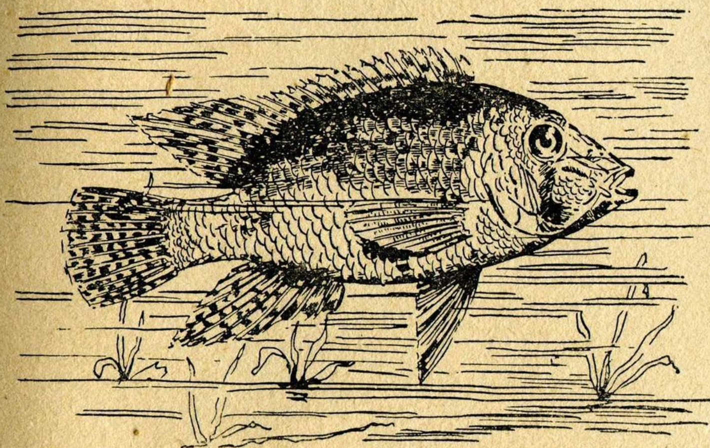
Nas cidades do Baixo-Amazonas vendem-se frequentemente olhos conservados de bôto e diz o povo por lá que quando se espia para as moças atravéz desses olhos, não ha nenhuma que resista. E' paixão na certa!...

Como estas, outras lendas se têm tecido em torno aos bôtos brincalhões e brejeiros.

* * *

Cada peixe tem sua historia

As especies ictiologicas do Amazonas são as mais variadas e numerosas. Farta messe de informações interessantissimas tem a fauna desse rio fornecido aos cientistas que por lá passaram e pelos museus e aquarios espalhados pelas capitais nacionais e extrangeiras, encontram-se hoje exemplares os mais diversos. Os caboclos conhecem ou pretendem conhecer quasi todos. Quando si lhes pergunta pelos peixes dos rios em que vivem, desen-

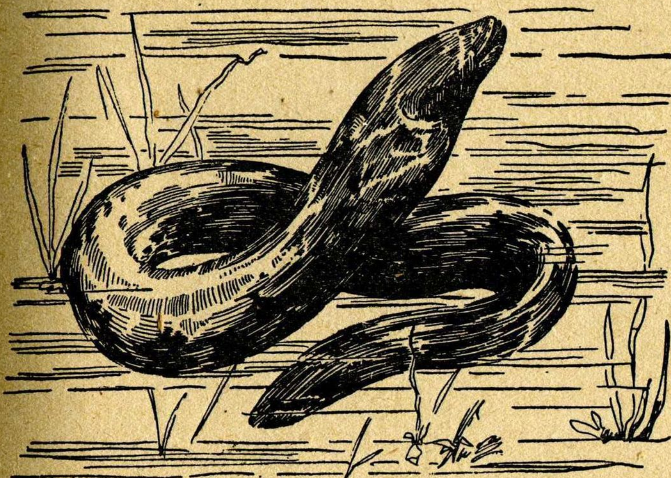


O acará.

rolam eles uma fieira inacabavel de nomes, geralmente indigenas, como: acará, parequí, pirapitanga, pacú, curimatã, acassú e sei lá quantos nomes mais, capazes de encher algumas folhas de papel. Cada especie com sua historia, suas particularidades, suas virtudes. O candirú, pequenino e temido pelos que se banham nos rios porque, dizem lá, penetra os orificios externos do corpo. O puraquê, fonte poderosa de energia eletrica, capaz de — pelo contacto direto — descarregar fortes choques nos que pretendem agarrá-lo. Eu mesmo, já experimentei uma vez o efeito desses choques e posso assegurar que são por demais fortes. Não foi, porém, no Amazonas, mas... na Capital Federal, no Casino da Urca.

Foi preciso que o puraquê fosse levado para os Estados Unidos para que investigações cientificas se iniciassem a respeito de sua capacidade de produzir energia eletrica. Mais ou menos dois anos atraz, um senhor Coates, introduziu um puraquê em um tubo de borracha com varios pontos metalicos de contacto e conseguiu captar a energia eletrica produzida por esse animal. Tal energia foi sufi-

ciente para acender um lampada Neon o que constituiu durante muito tempo a mais extraordinaria atração do Aquario de Nova York. Trez exibições eram feitas diariamente pelo puraquê, que se mostrou ainda capaz de su-



Puraquê — o peixe eletrico

prir a energia eletrica suficiente para acionar uma sereia de alarme da policia, para dar a partida de um navio-bombeiro do Rio Norte e de um avião, para acender um farol de 2 milhões de velas na Cidade Radio, em Nova

York e finalmente para lançar pela cadeia de radio da NBC um ruido audivel em uma grande parte do mundo.

Estas façanhas do puraquê brasileiro levaram a Universidade de Nova York a organizar uma expedição cientifica chefiada pelo fisico Richard T. Cox para o fim de estudar *in loco* a biologia do puraquê. Esta expedição, no começo do ano passado, esteve no Amazonas fazendo suas observações, tendo constatado entre outros fenomenos interessantes, que um puraquê de mais ou menos 3 pés de comprimento era capaz de emitir uma corrente eletrica de um potencial de 380 volts. Afirmam os entendidos que outros puraquês, maiores sem duvida, já têm demonstrado uma capacidade eletrica de 500 volts. Ha puraquês de 8 pés de comprimento e cuja descarga eletrica é capaz de aturdir peixes de grande porte e até mesmo o homem, a uma distancia de 28 pés, dentro dagua.

Como se produz a energia eletrica no puraquê, é uma questão que ainda está desafiando a ciencia. Aliás, a ciencia não tem levado

grande vantagem em sua bisbilhotice atravéz as coisas da Amazonia... Quem já descobriu a natureza do curare? E o muiraquitã? De onde veiu o selvicola amazonense? Existiu o Eldorado?

Quantas perguntas, como estas, poderiam ser feitas, desafiando soluções definitivas!

E a piranha? Quem já não ouviu uma historia desse peixe terrivel, capaz de devorar bois inteiros na travessia dos rios? Das historias que no Amazonas me contaram acerca das piranhas a que mais me impressionou foi a seguinte. Dizem que a piranha só ataca quando vê ou sente a presença de sangue. O jacaré é no Amazonas um petisco sempre desejado pelas onças, pois que, quando em terra, não póde utilisar de modo eficaz suas armas de ataque e sua força. Enfrentado pela onça, ele fica na defeza. E a tatica daquela é cançar o jacaré até exgotar totalmente seus musculos. Uma vez inerte, porém ainda vivo, a onça começa a devorá-lo pela cauda. Acontece, entretanto que ás vezes o jacaré consegue escapar, com a ponta da cauda já em carne

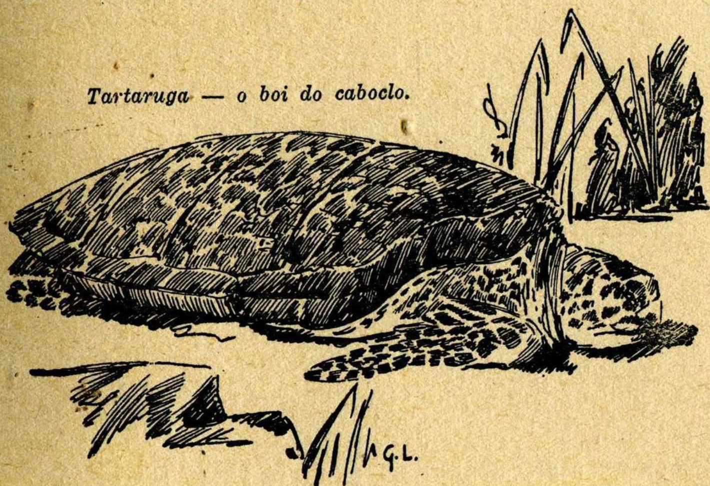
viva. Na fuga precipitada, não se lembra ele do que o espera dentro dagua e tendo escapado á sanha da onça entrega-se á voracidade das piranhas que o devoram completamente em poucos instantes. Si o jacaré já é mais "experimentado", como os macacos que não metem mão em combuca, então, dizem ainda, ele procura um lodaçal, onde está a escape das onças e mergulha a ponta da cauda na lama, até cicatrizar, para então voltar á agua do rio, onde uma vez mais poderá impor aos companheiros de fauna o respeito devido pela força e a agilidade de seus musculos poderosos.

* * *

Tartarugas

Já falei do cavalo do caboclo, no Amazonas, que é a canoa. Quero agora dizer duas palavras sobre o boi do caboclo. Não é o peixe-boi como poderia parecer pelo nome, mas a tartaruga. Na Amazonia a carne da tartaruga substitue plenamente a carne de

vaca. Em Manáus (não sei si igualmente em Belém) ha mesmo um matadouro especial para tartarugas, onde esses quelonios são abatidos e esquartejados. Sua carne é vendida então a peso, tal qual se faz com a carne de



Tartaruga — o boi do caboclo.

vaca. Ha varias qualidades, conforme a região de onde é tirada, cada qual com seu preço e seus apreciadores.

Do sabor da carne de tartaruga, não preciso falar; sua fama já transpoz os mares e ninguem desconhece hoje o valor que tal iguaria representa para os paladares mais requin-

tados. Uma cousa porém, precisa desde logo ser esclarecida: em todo mundo se fala de sopa de tartaruga, mas esse prato é o unico de que não se faz uso na Amazonia. De fato, a tartaruga é comida de varios modos, inclusive cozida praticamente inteira ao forno, apenas eviscerada atravéz de uma abertura praticada no peito e por onde se introduzem os necessarios temperos e geralmente um pouco de arroz. E' o que se chama por lá "tartaruga de peito furado".

Em casa de meu compadre João Braga, bem como nas de outros amigos, tive ocasião de provar e apreciar creio que todos os pratos feitos com tartaruga. Além da de "peito furado", ha entre outras formas, a chamada "sarapatel" cuja caracteristica interessante é ser cozida no proprio casco da tartaruga que neste caso serve de panela.

O consumo da tartaruga na Amazonia é de tal ordem que si o governo não restringisse por meio de leis especiais a caça desses animais, a especie estaria destinada ao desaparecimento total. Porque o comercio da tartaruga não se limitou á carne do animal adulto,

extendendo-se aos ovos e até mesmo aos filhotes pequeninos.

A tartaruga, conforme o local em que é procurada, póde ser caçada a flechadas, pescada com anzol e com redes, pegada a mão nas praias e nas aguas razas.

Na epoca da desova, dirigem-se elas ás praias e enterram os ovos na areia. O calor do sol se incumbe do resto. O homem conhecendo seus habitos, vai em seu encalço e recolhe os ovos, as tartaruguinhas e apanha mesmo as tartarugas adultas quando estas enchem as praias. Nessa ocasião para pegá-las basta virá-las de peito para cima e depois então transportá-las para as canoas. O numero de tartarugas é por vezes tão elevado que elas se entrechocam, requerendo grande pericia no ato da "viração", afim de se evitarem cortes profundos nas mãos ou nos pés, quando estes ficam imprensados entre os cascos de bordas cortantes.

Os ovos das tartarugas são esfericos e de casca mole. A clara muito aquosa, é desprezada só se aproveitando as gemas saborosissi-

mas e comidas de varias maneiras, até mesmo cruas, depois de bem emulsionadas e então temperadas com sal.

Além da tartaruga, são ainda encontradiças nos rios e lagos da Amazonia, varias outras especies de quelonios, como o tracajá, de ovos elipticos, o pitiú, a aperema, o mussuan e a matamatá. Sobre esta ultima especie, contam por lá que seu casco torrado e pulverizado gosa de propriedades abortivas.

De volta

Novamente Manáus



A Catedral na Praça Santos Dumont.

Novamente Manáus

EMBORA tivessemos planejado chegar a Manáus pela madrugada, tal não aconteceu. Já disse atraz que "o homem põe e Deus dispõe". Foi o caso ocorrido pela segunda vez. Nova tempestade nos assaltou neste ultimo trecho da viagem, igualmente aterradora e violenta. Duas vezes tentamos atravessar o rio sem poder. Já estavamos navegando em pleno rio Amazonas, quando o tempo se enfarruscou de repente. Relampagos riscavam e como que rachavam o céu com suas faixas de luz azulada. Os trovões retumbavam no ar, sacudindo a terra toda. O vento e a chuva, combinados entre si, conspiravam contra nós. E sendo totalmente impossivel proseguir a viagem, amarramos a lancha perto da margem em uma pequena enseada, nos galhos fortes de uma arvore tombada no rio.

O que foi essa noite, é impossivel descrever. Serenado o temporal, cessada a chuva e aquietado o vento, a lancha foi invadida por uma legião de insetos que não nos permitiu pregar olho a noite toda. Como que todos os carapanãs e piuns, mutucas e maroins do vale imenso se haviam concentrado em nossa lanchinha, procurando ferroar-nos, sugar-nos, devorar-nos. Por isso, logo que apareceram os primeiros vislumbres de luz, largamos de novo, rumando definitivamente para Manáus. Eramos já uns frangalhos de gente.

Meio devorados pelos insetos, com as roupas já todas sujas, as reservas alimenticias esgotadas, anciosos por voltarmos ao seio das familias que deveriam estar impacientes e aflitas.

Tinhamos saido para uma excursão de quatro ou cinco dias e já estavamos no decimo primeiro.

Ao meio dia, mais ou menos, aportamos finalmente em Manáus. Com que alegria! Mas — porque não dizer? com que saudade!

* * *

Assim terminou nossa excursão pelo baixo-Amazonas. Quatro dias depois caía eu de cama, tremendo de frio e queimando de febre. Foram dezeseis dias de doença pertinaz, mas nem porisso me arrependi por um momento siquer de tudo o que havia feito.

Eu havia visto um pedaço do Brasil, ainda inedito para mim. Com a exuberancia de suas riquezas e a fartura de suas miserias. Rica e miseravel, ao mesmo tempo, pelas fontes inexauriveis de materias primas que encerra e pelo padrão de vida miseravelmente baixo que apresenta, a Amazonia é bem brasileira. Nem por isso é diferente o extremado amor de seus filhos pelo Brasil. Ví por lá cenas comoventes de brasilidade entranhada que por si sós pagavam todas as penas de uma viagem por esses rincões tão distantes.

Apesar de todas essas miserias, eu gosto de meu Brasil. Por isso mesmo eu o tenho palmilhado quanto posso. De todos os Estados do Brasil só não pisei ainda o de Goiáz. Hei de pisá-lo algum dia. Assim o permita a

Providencia. Por todos os demais eu já passei. Vendo, ouvindo e sentindo, como um bom brasileiro, namorado entusiasta de sua terra amante de sua gente.

Salve Brasil!

INDICE



Composto e impresso nas oficinas
da
EMPRÊSA GRAFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS"
à Rua Conde de Sarzedas, 38 — S. Paulo
em fevereiro de 1940



OBRAS SÔBRE A AMAZÔNIA

Publicadas

PELA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Raimundo Morais: NA PLANÍCIE AMAZÔNICA — 5.ª edição. Brochura .... 10$000

Aurélio Pinheiro: Á MARGEM DO AMAZONAS — Edição ilustrada. Brochura .... 8$000

Araujo Lima: AMAZÔNIA — A Terra e o Homem (Introdução á Antropogeografia). Br. 10$000

A. C. Tavares Bastos: O VALE DO AMAZONAS — 2.ª edição. Brochura .... 12$000

Primitivo Moacir: A INSTRUÇÃO E AS PROVÍNCIAS (Subsídios para a História da Educação no Brasil — 1825-1889 — 1.º volume: Das Amazonas ás Alagoas. Brochura .... 25$000

Fernando Saboia de Medeiros: A LIBERDADE DE NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América. Brochura . 9$000

Gastão Cruls: A AMAZÔNIA QUE EU VÍ — Óbidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição. Brochura .... 12$000

Alfred Russell Wallace: VIAGENS PELO AMAZONAS E RIO NEGRO — Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Basílio de Magalhães. Brochura .... 18$000

Osvaldo Orico: VOCABULÁRIO DE CRENDICES AMAZÔNICAS. — Brochura .... 10$000



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

